

# e|ling<sup>U</sup><sub>P</sub>

Revista Eletrónica de Linguística dos  
Estudantes da Universidade do Porto  
*A Students e-journal of Linguistics  
from University of Porto*



**Diretores:**

António Leal  
Purificação Silvano

**Editoras:**

Rute Rebouças  
Ana Sofia Pinto  
Inês Cantante  
Mariana Ribeiro

**Secretariado Editorial:**

Ana Fidelis  
Ana Luísa Fernandes  
Bruna Costa  
Catarina Varela  
Cecília Ortiz  
Cláudia Couto  
Cristiana Dias  
Daniel Monteiro  
Fábio Granja  
Francisca Zagalo  
Glória Oliveira  
Igor Soares  
Joana Gomes  
João Albergaria  
Joel Santiago  
Jorge Carvalho  
Maria Oliveira  
Marina Salimon  
Nana Yu  
Pedro Raínho  
Renata Rodrigues  
Rui Lopes  
Sabine Bieltz  
Sofia Pinho-Silva  
Tatiana Moura

**Comissão Científica:**

Alexandra Guedes Pinto  
Ana Maria Brito  
Ângela Carvalho  
Celda Morgado  
Clara Amorim  
Clara Barros  
Elena Zagar Galvão  
Fátima Oliveira  
Fátima Silva  
Idalina Ferreira  
Inês Oliveira  
Isabel Margarida Duarte  
Joana Guimarães  
João Veloso  
Luís Filipe Cunha  
Maria da Graça Pinto  
Rogélio Ponce de León Romeo  
Rui Sousa Silva  
Sónia Valente Rodrigues  
Thomas Hüsgen

## FICHA TÉCNICA

*eling*<sup>UP</sup>

Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto

*A students' e-journal of Linguistics from University of Porto*

<https://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/>

Vol. 12 | N.º 1 | 2023

Periodicidade: Bianual

Logótipo e Capa por: Teresa Ribeiro

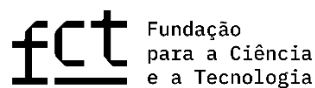
Os artigos publicados estão sujeitos a avaliação.

A Revista está registada na OJS, Bielefeld, Latindex e Worldcat OCLC e está indexada na base de dados Communication Source.

ISSN 1647-4058

DOI: [https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12\\_1](https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_1)

Esta Revista conta com o apoio do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP) e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) - UIDB/00022/2020.



## ÍNDICE

<b>Nota Editorial</b>	<b>5</b>
<b>Entrevista à Professora Doutora Brenda Laca</b>	<b>7</b>
<b>Artigos</b>	
<b>Apontamentos sobre a paragoge no Português Europeu: estudo de caso com base na análise de um dialeto transmontano</b>	<b>23</b>
Fábio Barcellos Granja	
<b><i>Hóteis Pestana</i> - Atos de fala e outros mecanismos de persuasão: análise de 50 posts de facebook da página da cadeia de Hotéis Pestana</b>	<b>33</b>
Ilda Rodrigues	
<b>Diferenças morfológicas entre o Português e o Chinês</b>	<b>47</b>
Deng Yuanying	
<b>Leituras semânticas de preposições de origem <i>desde</i> e <i>a partir de</i> em frases em Português Europeu</b>	<b>59</b>
Nana Yu	

## Nota Editorial

É com muita alegria que a *Revista eling<sup>UP</sup>*, com a sua imagem renovada, anuncia o primeiro número do décimo segundo volume (2023), que conta com uma entrevista e quatro artigos.

*Apontamentos sobre a paragoge no Português Europeu: estudo de caso com base na análise de um dialeto transmontano* é o primeiro artigo do presente número e é da autoria de Fábio Barcellos Granja, estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Neste artigo, o autor investiga causas e contextos que motivam a paragoge no Português Europeu, tendo, para isso, recorrido à transcrição fonética de uma amostra de fala de um dialeto transmontano.

O segundo artigo, *Hotéis Pestana - atos de fala e outros mecanismos de persuasão: Análise de 50 posts de Facebook da página da cadeia de Hotéis Pestana*, é de Ilda Rodrigues, estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Enquadrando-se no âmbito da Pragmática, este artigo analisa *posts* do *Facebook* da cadeia de hotéis *Pestana*, tendo como objetivos perceber quais os atos ilocutórios mais frequentes e verificar os mecanismos mais utilizados para intensificar a sua força ilocutória.

Deng Yuanying, estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é a autora do terceiro artigo, *Diferenças Morfológicas entre o Português e o Chinês*, que pretende explicitar as diferenças morfológicas entre o Português Europeu Contemporâneo e o Chinês-Mandarim Contemporâneo no que concerne à flexão nominal de género e número e à flexão verbal de número, pessoa, tempo, modo, aspeto e voz.

Intitulado *Leituras semânticas de preposições de origem desde e a partir de em frases em Português Europeu*, o quarto artigo do presente número é da autoria de Nana Yu, estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e propõe-se a identificar as leituras de duas preposições de origem, *desde* e *a partir de*, em frases retiradas do corpus jornalístico *Natura/Minho*.

O primeiro número de 2023 inclui, ainda, uma entrevista à Professora Doutora Brenda Laca, Professora Titular no Departamento Romanístico e de Espanhol da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade da República do Uruguai, a quem muito agradecemos a oportunidade que nos foi concedida. Esperamos que as palavras da Professora deleitem o público leitor, assim como encantaram os estudantes que fizeram a entrevista.

É mais um número da nossa Revista que publicamos com o propósito de servir de fomento para o desenvolvimento do trabalho em Linguística.

Gostaríamos de deixar uma palavra de agradecimento à nossa colega e amiga Violeta Amélia Magalhães, pelo seu exímio e incrível trabalho ao longo destes sete anos na Equipa Editorial, a quem desejamos muito sucesso.

As editoras,

Rute Rebouças, Ana Sofia Pinto, Inês Cantante e Mariana Ribeiro

## Entrevista à Professora Doutora Brenda Laca

### *Interview with Professor Brenda Laca*



A Professora Doutora Brenda Laca é Licenciada em Letras pela Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República, no Uruguai e Doutora em Linguística Geral e Românica pela Universidade de Tubinga, na Alemanha. Atualmente é professora titular no Departamento Romanístico e de Espanhol da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade da República do Uruguai. Foi Professora Catedrática nas Universidades de Estrasburgo (1994-1998) e Paris 8 (1998-2018) e dirigiu numerosos projetos de investigação. Interessa-se pela semântica das categorias gramaticais e pela variação linguística e seus limites. Nos últimos vinte anos, a Professora Doutora Brenda Laca trabalhou sobre a expressão gramatical do tempo e da modalidade, publicando numerosos artigos e dirigindo três livros sobre essa temática. Fez contribuições em três gramáticas de referência das línguas românicas: *Gramática descriptiva de la lengua española* (1999), *Gramàtica del català contemporani* (2002) e *Grande grammaire du français* (2021), colaborando, ainda, na elaboração da *Nova Gramática da Língua Española* (2009). A 11 de maio de 2022, a Professora Doutora Brenda Laca foi escolhida para ocupar o *Sillón José Enrique Rodó*, tomando posse a 15 de junho de 2022. Recentemente, a 1 de junho de 2023, na cerimónia de ingresso na Academia Nacional de Letras, discursou sobre “*El futuro y la incertidumbre*”.

A entrevista à Professora Doutora Brenda Laca realizou-se no dia 28 de novembro de 2022, no Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), decorrente da presença da Senhora Professora no *InSemantiC*, um congresso internacional de Semântica organizado em homenagem à Professora Doutora Fátima Oliveira (FLUP). A entrevista foi preparada pelos estudantes Ana Fidelis, Fábio Granja, Marina Salimon, Tatiana Moura e Violeta Magalhães, sendo conduzida pelas estudantes Inês Cantante, Rute Rebouças e Violeta Magalhães. Posteriormente, foi transcrita pelos mesmos estudantes que prepararam esta entrevista. A equipa editorial agradece muito à Professora Brenda Laca a magnífica oportunidade concedida e o momento de aprendizagem e partilha de conhecimento que nos proporcionou.

*First of all, we would like to thank you very much for having accepted our invitation to be here today with us. It is a great pleasure and, surely, a great opportunity for all of us. I would start with the first question which is the following: you have been studying Linguistics, at least, since your B.A.. Could you share with us when and why your predilection for the study of language started?*

Okay, well, before answering the question I have to thank you very much for having me here and for having prepared these very well-informed and very thoughtful questions. A lot of work on your part went into it and I am very thankful for that. As for how I came to study Linguistics... I think this sort of experience is shared by many linguists who do not have any information about what Linguistics is and sometimes, by virtue of a chance encounter, of a chance meeting or their happening to find a book, they discover Linguistics, and they discover that this is what they want to do. In my case, when I started university studies, I was not very sure what I wanted to do. I was thinking about maybe Psychology... I wasn't really sure, but the only open option at the university - it was a very difficult period in my country at the time -, was to do Philology and Literature. In the program for Philology and Literature, in the first semester, there was a course of Introduction to Linguistics that was mandatory, and I think that after the second class I decided that this was exactly what I wanted to do with my life. So, it arrived in a certain way. Maybe if I had my initial wish of going into the Faculty of Psychology fulfilled, I would have never met Linguistics at this very early time but, well, it was a chance meeting and at the same time a defining meeting because it took me just a week to decide that Linguistics was what I wanted to devote my life to.

***Throughout your career you have been working in different universities, Universidad de la República, in Uruguay, University Paris 8, University of Strasbourg, Free University of Berlin. How has that experience influenced your research and teaching?***

Well - I think I was very lucky in moving around a lot -, and I think that this diversity of institutions where I was first trained and then where I taught essentially helped me to acquire or to conserve a certain flexibility in the way of doing things, and just trying in my personal practice to get the best things out of the different systems and of the different traditions. I think that changing places is always an opportunity for learning, and it is a good thing to keep learning all your life. So the main point I would like to underline is that this sort of travelling around, being sort of a travelling scholar for so many years contributed to this flexibility – in addition to the fact of having the chance of meeting very interesting people and having made friends with many colleagues across the world. Every system has some very good points and some points that maybe are not so good, so, if you have the chance to try and combine the best aspects of the things you have seen, you can count yourself very lucky.

***Although you work mainly in Semantics, many of your publications establish an interface with Syntax. How necessary do you consider this interface to be? Do you think that some semantic issues can only be fully described with the help of Syntax?***

This is really a very good question because personally - and this is a very personal opinion on the development of the discipline of Formal Semantics - I think that the huge step forward made by Formal Semantics in the last decades of the past century was determined by the necessity of applying a compositional conception of semantics and, of course, if you are trying to do a compositional analysis in Semantics, you can only do it on the basis of syntactic structures. So, in a way, work on Semantics presupposes work on Syntax, even if sometimes it is perfectly possible that it is Semantics that decides between two alternative syntactic analyses that may be, let's say, competitors. Sometimes semantic considerations can lead you to prefer one analysis over the other. It is not so that Semantics does not influence Syntax, there is really an interface between the two. I could not think of my work without this convergence between Syntax and Semantics and I think that the main progress made in the past decades was because of this decidedly compositional view of Semantics. Let me just give you a historical example of the way in which this convergence works. This is about an important impulse for the development of both Formal Semantics and Syntax around the 80s. Two theories became popular, one in Semantics and one in Syntax. In principle, they were independent from one

another but there was a very clear convergence: the emergence, on the semantic side, of Generalized Quantifier Theory and, on the syntactic side, of the DP Hypothesis. These two hypotheses began to get some popularity more or less at the same time, they were arrived at by totally independent considerations, but it was an example of a very big convergence. The motivations were different but this convergence between Syntax and Semantics, in my view, was decisive both for the development of Formal Semantics and for the development of Syntax. It was a lucky coincidence, so to say, that the DP hypothesis and Generalized Quantifier Theory both emerged at the same time.

***Much of your research has been focused on problems of tense, aspect and modality, and the interaction between them. How important is that interaction to the interpretation of the overall sentence and its meaning?***

I think that this interaction is of crucial importance for the determination of the semantic value of any sort of clausal construction. I think that the last 40 years have also witnessed huge progress in the way of understanding this interaction, in part thanks to the combined work of Formal Linguistics, on the one side, and Descriptive and Typological Linguistics on the other side. In a way, the basic ideas regarding the interaction between Tense and Aspect, on the one side, and Tense and Modality, on the other side, were already there very early in David Dowty's dissertation, but the progress made afterwards, I think, depends mainly on a sort of widening of the empirical basis for the analysis. This widening, this enlarging of the empirical basis was made by trying to apply what people like Dowty had done for English to other languages with different configurations, with different particular morphological configurations and so the examination of these other sorts of languages led to reformulate some of the problems in a much more fine-grained and sophisticated form. For instance, the importance of grammatical aspect. It took a long time to understand how important the grammatical aspect is and the fact that the grammatical aspect and the temporal structure of situations are two different things. It took a long time to process this, and it also took a long time to process the interactions between Modality and Temporality, which is something I think that we have started more or less to understand in the last 10 to 15 years. It seems that there quite general principles, at least two of them, which we should pay attention to when trying to assess interactions between Temporality and Modality. For instance, the fact that all reference which is to a point in time after the evaluation point is necessarily modal. I think this has been established by now, but Dowty speaks already about that by the end of the 70s. However, the importance of this I think has

only dawned upon us in the last 15 years. And also, as I said, the distinction between Aspect in the sense of the temporal structure of the situation and Aspect as point of view, it also took a rather long time to understand how it really works, but the very interesting thing for me is that the main ideas, which are really the basic ideas, in quite a sketchy form, were already there in Dowty's dissertation.

***One of the topics that you have been investigating is the semantics of the Perfect. In one of your papers from 2010, you discuss mainly data from European Spanish and American varieties, but also from Brazilian Portuguese. First, we would like to ask you if you have looked into data from European Portuguese and, if so, whether you think that your explanation for the differences between Spanish and (Brazilian) Portuguese also apply to European Portuguese? Second, could you, please, give us an answer to the question that you pose in that article: How universal are Ibero-Americans Present Perfects?***

I just looked very superficially at the data of European Portuguese, and I dare not say anything very precise in this regard. What I do remember is that Patricia Amaral had some work particularly on the European Portuguese usage of the present perfect, which was very useful for me at the time of elaborating these papers. However, the question that arises for me now is the following: are the data for Brazilian Portuguese and for European Portuguese so very different, or aren't they? I formulate this question because it seems to me that Brazilian Portuguese has a lot of internal variation, concerning this particular point, the usage and the semantics of the present perfect. So, I wonder if perhaps some Brazilian Portuguese varieties are rather near to European Portuguese varieties. When I worked on this with Patricia Cabredo Hofherr, we were doing work on a very specific variety of Brazilian Portuguese that is spoken in the extreme northeast of Brazil. When I look at the data from our consultant today, 15 years after we did this research, I still think that the acceptability judgments and the observations of our consultant were very consistent, very coherent and they are plausible, but they do not coincide with what other speakers from Southern and central varieties of Brazilian Portuguese tell us. So, I wonder, since there is this important variation across Brazilian varieties, maybe the possible differences with European Portuguese are not larger than the internal variation in Brazilian Portuguese. I have to stress this, Brazilian Portuguese does not behave as a unit; there is a lot of diversity there. And regarding the second question, which is very interesting, as to the universality of the present perfects in American Spanish... I would say not American Spanish because there is a lot of internal variation in American Spanish. What I think is a little bit better known is the

Spanish in Mexico and the Spanish in Río de la Plata, and as far as the varieties for Mexico and Río de la Plata are concerned, we cannot say that the present perfects are universal because they do not always have the universal reading, they also have experiential readings. But there is something that is characteristic of these varieties, and it is the following: whenever the universal reading is possible, because of the set-up of the sentence, it is also obligatory. Whenever the universal reading emerges, it is also the only possible reading, the reading in which the described eventuality stretches up to the time of speech. In the American varieties, if the conditions are such that the universal reading may emerge, then you have the universal reading and you do not have the other, and this is quite different from the way European Spanish functions.

*Another very interesting, but complex issue, is sequence of tenses, to which you have also been dedicating your investigation, in particular regarding constructions with the subjunctive embedded by clauses with attitude verbs. In a 2012 paper, you argue that studying the semantics of attitude verbs and temporal orientation can lead to a finer-grained universal typology of argument clauses and of the predicates that embed them. Bearing in mind that, as you point out in that paper, not all languages have a rich system of indicative and subjunctive tenses, don't you think that such a typology may be difficult to achieve?*

Thank you for this question, it is a very interesting question, and you are right in pointing out that not every language has mood differences or mood contrasts reflecting a typology of complement clauses. But languages have other differences, for instance, in the type of complementizer they use. There are languages which have two or three different complementizers and these complementizers seem to be sensitive to the type of argument clause they are introducing. There are also differences if you think, for instance, of English. English does not have the subjunctive/indicative alternation anymore, but it has very clear patterns for finite and non-finite complementation. A particular type of subjunctive complement clause in the Romance Languages is reflected, in English, by non-finite complementation. Also, languages flag or code differences in the type of argument clause by means of independent or dependent temporal interpretations, or by the existence or non-existence of restructuring or transparency phenomena. So, all this indicates that some of the differences that seem flagged by subjunctive or indicative morphology in the Romance Languages have correlates, not mood correlates, but some other sort of syntactic correlates in other languages. There is a whole series of phenomena of morphosyntactic coding, and this series of phenomena of differential

morphosyntactic coding seems to be pointing to some big types, two or three types of argument clauses which seem to differ in the complexity of the functional architecture they have. On the other hand, I think that what I was *dreaming of* in this paper of 2012, this typology of argument clauses, has been developed in the meantime. It has already been developed in recent work by Susi Wurmbrand and her associates. Susi Wurmbrand and her team have developed a typology of complementation after work that Susi started with the study of restructuring in infinitival complementation, continued with her work on the typology of infinitival clauses and then continued for 20 years or more working on a very interesting subject, the typology of complement clauses in languages that lack infinitival complementation as some Slavic or Balkan languages. So, in a way, this typology of argument clauses, which I was dreaming of 10 years ago, has already been done and I'm very happy about it.

***With respect to modality, knowing that this field has been widely investigated in the literature, and that many proposals of categorizations of types of modality have been put forward, why do you think that its categorization is not stabilized? What is, in your opinion, the factor that makes a theory or categorization become stable, or, at least, widely accepted?***

This is a very hard question, and I will try to answer it in two different parts. First, with respect to modality, in contrast to what you suggest - and I understand why you suggested it - I do think that there is something rather stable concerning the categorization of modality and the stable part is that there is a consensus in the sense that there is a fundamental division between doxastic or epistemic modality on the one hand, and circumstantial or metaphysical modality, on the other hand. I think this basic twofold division, which has been in the field for the past 40 years, allows for a consensus that this is a real division and, on this point, there is not much variation among approaches. There is also the fact that this division has important correlates in a long series of phenomena, syntactic phenomena, but also semantic phenomena that have to do with interactions with temporality and temporal orientation. So, I think this part is stable and has been stable for some time. What is not stable and what appears as enormous diversity of tags and labels is what people have come to call modal flavors, and I'm very suspicious of an expression like modal flavor because, when you say modal flavors, what I think that you are insinuating is that you are not so clear that this division is really so relevant. Flavor gives you the idea of sort of variation, nuance, but not really hardwired differences. I think the problem with these labels, and, I mean, you probably have a list of 10 or 15 different labels for subcategories, particularly subcategories of circumstantial modality. For epistemic modality,

there are not so many, but for modality based on circumstantial modal bases it is true that you have lots of names, most of them of Greek origin. So, what is the problem? In my view, part of the problem, at least with the proliferation of labels and the difficulty one has to conceptualize this, is that one is trying to capture the substance, the stuff, the conceptual stuff of modality and probably for a linguist the conceptual stuff of modality or the conceptual substance of modality is not the most relevant thing. What is more important, in my view at least, are the formal properties of the modalities. And these formal properties are more abstract. The properties differentiating types of modality, they are more abstract, but there are not very many of them, there are three or four. They have been very well described, for instance in work by Condoravdi and her team. She has a magnificent introduction to formal approaches in modality dating from already 16 years ago or more and then you see what the formal differences may be in the way the modal basis and the ordering sources are structured, there are not so many. And I think that what is relevant for the linguist is the formal properties of the types of modalities and not if we say that it is anankastic, that it is deontic, that it is not really deontic, but it's a flavor... You see what I mean. And the second part, I will give a shot at answering it, but, of course, I don't have the full answer about what is necessary for theories and categorizations to reach a certain point of stability. The first thing is the fact that instability is to be expected because we are part of a program of research which, as all research programs, is a collective program, where many people have to collaborate or to give their best to try and solve the problems. So, research is essentially dynamic, research changes.

The problem is, of course, that when we start to work, or to do research, or to analyze with new tools a domain that has not been analyzed previously with these tools, what you do is that you just try. Everybody is just trying, just feeling his or her way along the concept or domain trying to say what we can do with this. The result of this is that a lot of proposals emerge, some of them incompatible, some of them perfectly compatible, but nobody takes much time to see that actually they are saying more or less the same thing, perhaps stressing different things, but more or less, the central ideas are the same. In the course of time, these proposals tend to converge and there is a sort of selection of a framework which becomes more or less the canonical framework for doing something and in general, and this is a good thing for the discipline, what emerges as a canonical framework is something much simpler than the initial proposals. And so probably what happens with modality nowadays and what has happened with modality for the past 10, 15 years, is that 10, 15 years ago we started massively to feel our way into the field but nowadays, at least the part I know best which is the part of interactions between modality

and temporality, there is a general framework which is emerging and which is much simpler than what we did 10 years before and which is more or less accepted by everybody, and this is a good point. This speaks of the health of a scientific discipline.

*You have written extensively on the syntactic differences (mainly related to subjunctive clauses) between Standard Spanish and Uruguayan/Ibero-American Spanish. Can the findings of these studies be extended to other modern Romance languages and dialects, or are they processes that occur specifically in certain varieties of Spanish?*

This question I think you can only answer on an individual basis, case by case, but, in a general way, what I could say is that it would be strange, and it would be quite unexpected if there were processes specific to a particular language, or to a particular variety. The examples I can think of now are specifically individual examples that I have been studying for the past years and they tend to be problems of semantics rather than of syntax. For instance, regarding the process of weakening of the sequence of tense in subjunctive clauses, I think it is not very risky to say that it is quite probable that a similar process already happened in French. What we see in the Rio de La Plata varieties of Spanish seems to be part of a change that in Modern French arrived at its logical conclusion in the twentieth century. So, what we find then for this Spanish variety is not something that is characteristic only for this Spanish variety, but we have another similar process. I haven't studied the process in French, I think nobody has studied it, at least, with *syntactically* more or less sophisticated tools but I think what we find in French is the logical conclusion of the same process that we find in Rio de La Plata Spanish nowadays. With respect to referring to future events and also to this curious phenomenon where a form which morphologically was first used to refer to things to come becomes an expression of uncertainty, whichever the temporal orientation of the situation you're speaking about, what I also found in my native Rio de La Plata variety, in collaborative work with Ana Maria Fălăuș was a very clear parallel of this in Romanian. In Romanian, the forms are not the same, they are simply differentiated by the form of the auxiliary. One auxiliary has the full form, the other has a reduced form, but what we find is that the distribution between the new form, for future reference, and the older form as a form of uncertainty in Rio de La Plata Spanish corresponded quite clearly to the difference in Romanian between what is called the future and what is called the presumptive future, which, as I said, is practically exactly the same form except that in the presumptive you have a reduction of the form of the auxiliary. So, this indicates that this is a phenomenon that we can find in another language, which happens to be a romance language,

but these two developments are independent of one another. And with respect to the other subject I have been studying lately, which has to do with the generalization of explicit marking for the progressive aspect in Spanish by the form *estar+gerund*, this happens more or less everywhere. We have seen it happen in English, but we have seen it happen also in Hindi and in a lot of other languages. So, really I do think that most of the things, at least as far as tense and aspect systems are concerned, that I have been able to find for some Spanish varieties have clear parallels in other languages and in other romance varieties, which makes the whole thing much more interesting.

***Some of your works aim at establishing common characteristics between modern Romance languages, in particular Spanish, French and Romanian. From your perspective, what are the benefits of comparative studies?***

First of all, let me state very clearly that I am fully convinced that you can practice Linguistics, do syntactic and semantic analysis, and be an excellent linguist only on the basis of a single language. I think this is perfectly possible because a single language gives you, in a way, already all that is necessary for us to understand how language works. So, it is perfectly possible to do it on the basis of a single language, and many excellent linguists work exclusively on a single language and even maintain that you can only work in a single language. But from my perspective, and given the way I have always worked, comparison between languages helps me, in particular as a person, to have a finer-grained perception of a phenomenon. It allows me to see that there are other possibilities of doing things. Sometimes, I for one have the tendency to keep entangled in the way one language applies a strategy to solve certain things and when you have other languages to compare, this gives you the possibility to see that this is not the only way, that for some things there is no “natural” way. Or they are all following the natural way but at a higher level of abstraction and what you have at a higher level of abstraction can manifest itself in different ways. In addition, I think it is important for us not to ignore the fact that there are different ways of solving problems linguistically. And there is another thing that I am really fully convinced of. As I told you, it is perfectly possible to do very good Linguistics on the basis of a single language, but I am also convinced that, both in Syntax and in Semantics, the great progress that has been made in the past four decades has been conditioned by this possibility of comparing what happens in different languages. That does not mean that a single linguist has to do two or more languages, but you have to be aware of and to study and learn what other linguists have said of other languages in parallel or similar cases.

***Most modern Romance languages, Ibero-American Spanish and Brazilian Portuguese in particular, show a wide range of verb morphology variations. Some examples include the voseo in Argentine and Chilean Spanish and the lack of some plural forms in São Paulo dialects of Brazilian Portuguese. How up to date is Romance Linguistics with these language changes?***

The particular phenomena you allude to in the question are very complex and actually they are much more extended than one could think in the particular vernacular varieties, and what I think is more important is that they have a history that is longer, and more complex than one can think. What happens with *voseo* and what happens with the plural, these are not very recent changes. Probably they have had a period of expansion in society, which is recent, but they probably take their origins in reorganizations of the system of address and of the system of number marking that have their roots as far back as the global expansion of the languages of the Iberian Peninsula. Probably the roots of the changes date back so far as that. And as for what Romance Linguistics is doing about it, I think that the discipline has always treated these phenomena, perhaps with a little more intensity in recent years, and all these phenomena as far as I know have their place in the major handbooks of Romance Linguistics that have been appearing in the past ten years, so I think Romance Linguistics is up to date.

***How do you view the identity of the Spanish language as one of the most spoken in the world today? What are some interesting aspects that unite and differentiate the varieties?***

I do not think I have anything very interesting to say about this, because I am not a full-born hispanist. I do Linguistics, I have always worked on Spanish because it is my native language, but that does not mean that I have the whole training of a hispanist in order to give a very sensible answer. One thing, out of personal experience, that I would like to mention as an answer to this question is that for many years I have thought, concerning the unity and the differences of Spanish, that Spanish was incredibly homogenous, given the geographical distances between its spoken varieties, and incredibly stable also historically. Part of this had to do with an ancient conception, quite typical for Spanish language policy, that there should not be too big a distance between spoken and written language. So, there is this tradition, which has been, in a way, facilitated by the fact that, since the Golden Century, the Spanish theatre has been a popular theatre which, on the one hand, contained elements of non-standard oral varieties and, on the other, also had a popular audience that could transmit that language. So, I

was always rather sure of this story, that what was peculiar about Spanish was that it was incredibly homogeneous and that part of this was due to this conception that oral and written language should not diverge too much from each other and part of it was due to the theater in the history of Spanish language having played such a very important role. Nowadays, when I am really studying variation in Spanish - and you can do it much better nowadays because of all the accessible corpora, data that you did not have access to 15 years ago – I would say it is not so stable as that, and it is not so unitary as that. In a way, my personal view is that the Spanish language is changing, it is much less homogeneous than we would like to think, but as I said, I am not a specialist.

***Spanish is a pluricentric language whose varieties transcend continental frontiers. At the same time, we know that this phenomenon presents some challenges in the pedagogical framework, especially if we consider normative approaches. What are the main difficulties that you come across when teaching about Spanish language?***

Actually, not many. The difficulties I have encountered were not having to deal with Spanish as a second language or anything like that. There were difficulties when I was caught unaware. I particularly remember an occasion in Barcelona where people in the audience were mainly speakers of northern Spanish in contact with Catalan, and we were discussing some examples in English, and I could not get the audience to agree with the judgements of acceptability or non-acceptability in the examples I had. So, I said “let’s do it in Spanish!” and I translated it into Spanish and that was a disaster, because I was not aware of the fact that there was a certain type of adverbial that in peninsular Spanish, particularly in the northeastern varieties, was impossible to combine with the verb form I was using. So, the problems I have had in this sense were not with teaching Spanish as a foreign language because I think – and I am not a specialist on it either - there are mainly textbooks for Peninsular Spanish, on the one hand, and textbooks for American Spanish, on the other hand. And as it is normal, in Europe, you tend to use the textbooks based on Peninsular Spanish, and, in the United States and Canada, you tend to use the textbooks more for American Spanish. As long as you do not mix up things very much, this seems to work out rather well. The problem is for the deciders. The problem is for the people who have to decide what sort of variety to choose. But I guess there are numerous specialists for that.

***Taking into account the complexity of the linguistic system that a pluricentric language suggests, what do you consider to be the fundamental principles for the elaboration of a descriptive Spanish grammar?***

I think that, very fortunately and very happily, these principles - the principles that should be followed by a grammar of Spanish as a world language - have been really established and actually followed in the elaboration of the *Nueva Gramática de la Lengua Española*. This academy grammar was written in very close collaboration with all the corresponding academies of the Spanish-speaking world, so that practically every language academy of the Spanish speaking world had access to the materials and contributed to them. The result of this way of working is that this *Nueva Gramática* documents variation and diversity in all domains of grammar. For instance, if you look at the chapters devoted to the expression of the future and to the usage and semantics of the present perfect tense, they are really excellent chapters. They are exemplary, because what they do in this *Nueva Gramática* is to organize and structure all the variation that is known - and we know there is a lot of variation today - giving the information in a very reasoned, structured and also very objective and fine-grained way. At the same time, there is also this preoccupation for giving, whenever possible, an idea of the extension of certain regional phenomena, of the social levels or the registers of certain phenomena. So, I think that the principles that the grammar for a pluricentric language should follow have been actually followed in this grammar. The problem is that you can only do that in a work which is a reference work. You cannot do that in a textbook, for instance, because it is simply too much material. But I think these principles have already been formulated and followed very strictly in the *Nueva Gramática*.

***As someone who is a teacher and has looked deeply into not only the structures of language but also how we learn them, in your opinion, what could be changed about the way we teach grammar and language in schools? More generally, what should change regarding how people view grammar and language in our day-to-day lives?***

This is also a very interesting question. I have to refer to experiences that have been and are done mainly in Spain by Ignacio Bosque and his collaborators, who sort of have proposed and developed, during the years, a wholly new way of approaching the study of grammar and of approaching the interrelationships between what we do as descriptive or theoretical linguists and what of this has to go into the teaching of grammar at schools. I think they are exemplary in this work. I am mentioning Ignacio Bosque because he is more or less my own generation,

but there are younger people also like Ángel Gallego and the whole team he has built around him. I think the main point that they have is two things in the teaching of grammar: make it interesting and make people think, and not just analyze with a number of labels that have been learnt by heart. To make people think, to try to formulate problems. You can always formulate problems at different levels but, in general, small problems like “why can you say this and can’t say this other thing?” Or “why when I say this, you understand this and if you reformulate it a little bit, you understand a completely different thing?” So, I think this is the way to go, to make grammar attractive and make it alive and make it the source of reasoning. The other thing is also for the teacher, but that takes up courage for the teacher, to be able to learn with the people you are teaching. And sometimes to be able to say “well, we don’t have an explanation for that” or “we don’t know how this works” and try to be as objective as possible and try not to - as all humans sometimes do - build a barrier of difficult words behind which we hide and behind which we feel more comfortable. In general, students respond very well to that. Also, Ignacio has developed an entirely new sort of exercising grammar which I am applying now at university and it is very good. It is the sort of exercise where you tell the people to build, for example, a sentence containing a headless relative which contains this and this as a subject, and this is an excellent type of exercise. Students love it because they are building something and it is also very difficult.

***We couldn't help but notice that according to your CV, you can speak at least seven languages. Is language learning a fundamental, practical tool for a linguist, or do you see it as more linked with personal choices?***

In my case, it was linked to personal choices. I always liked to learn new languages, and up to a certain age, I had a certain ease for learning new languages. But, as I said regarding a previous question, I think it is good if you can speak several languages, it is a good tool, but it is not a necessary condition for being a linguist. You can perfectly well be a monolingual linguist - which is something that I very much doubt because I do not think that an individual has only one single system. There is always a little bit of variation. The grammar you use when you speak to your next of kin is not the same grammar that you use when you speak in public. The grammar you use when you are with the people from the neighbourhood you were born in, or you live in is not the same grammar that you use in other locations. So, this idea of the monolingual individual I do not think is it very real. I cannot say anything very informed about that, but, in my opinion, even if we are officially monolingual because we only speak one

language, actually we are able to switch between very different grammars and I think that applies to every human being.

***As someone who speaks and works with seven languages (such as Spanish, English, French, Portuguese, ...) is there one language that is more challenging to work with, grammatically speaking? Why?***

Hmm, no. (*laughter*)

***Since you are fluent in many languages, what do you think about the concept of having one universal language in addition to your native tongue?***

I think that in the contemporary world it is absolutely necessary to have a Lingua Franca. The earlier the people acquire this Lingua Franca the better it is. And I must say we already have it – it is English. I remember that 45 or 50 years ago, at a conference, people were discussing precisely about the possibilities of a Lingua Franca and what about invented languages and constructed languages and so on. An Austrian linguist, an anglicist, said on this occasion “look, we already have a universal language, it is Bad English”. I think he was right, we need a universal language and the universal language is Bad English and it is okay.

***As a researcher who has contributed so much to the scientific community, you must have certainly overcome several challenges, as well as celebrated moments of jubilation throughout your career. What are a few of the pivotal moments that shaped you into the linguist you are today?***

This is a question that forces one to think back many years, but I will just try and choose maybe three moments. One of these three moments was probably the fact that I started to study linguistics when I was eighteen in Uruguay and that I had very good teachers who shaped my way of doing things. They were very rigorous people and very hardworking people. Then, there was a second period when I started my doctoral work. I did my doctoral work in Germany under the supervision of Eugenio Coseriu and the contact with Coseriu - who was a sort of universal mind, also very rigorous and extremely well informed and an extremely intelligent scholar - was also very important in my life. And then, the third moment that was crucial in shaping me into the linguist I am today was when I decided – I was already in my early thirties –, that what I wanted to do was actually being done in the United States, and I did not want to go to the United States, and in France. So, I went to France. I wanted to do Formal Semantics. I had read

Carlson's dissertation on *Reference to kinds in English* and Dowty's dissertation on *Word Meaning and Montague Grammar* and I decided that for the things that interested me the place to go in Europe was France. And so, I went there, in the beginning of the 1990s and it was a wonderful period because there was this very determined group of people who wanted to introduce as much of Formal Semantics as it was possible to introduce in France. We had reading groups with people who are now very important, we met every week, we discussed things, we thought "well, who can we invite in order to get some more information about this problem"... These were the years between 1994-1998. Anyway, they were the happiest years in my scientific life because you had this sense of being part of a new thing that was emerging and that was interesting. These are the three moments I like to remember.

# APONTAMENTOS SOBRE A PARAGOGUE NO PORTUGUÊS EUROPEU: ESTUDO DE CASO COM BASE NA ANÁLISE DE UM DIALETO TRANSMONTANO

Fábio Barcellos Granja<sup>1</sup>

[up202100212@up.pt](mailto:up202100212@up.pt)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

**RESUMO.** Este breve artigo planeja investigar causas e contextos que motivem a paragoge no Português Europeu. Para isso, usou-se como base a transcrição fonética de uma amostra de fala de um dialeto transmuntano, que ilustra ocorrências e ambientes nos quais o fenômeno é observado. Procurou-se enquadrar esta amostra num dos subgrupos dialetais descritos por Cintra (1971), bem como delinear motivadores da paragoge, alvo do trabalho. Estes parecem ser sobretudo ligados a analogias com a estrutura silábica CV, bastante produtiva no Português. Espera-se que os resultados aqui presentes contribuam com os primeiros passos à descrição da paragoge no dialeto investigado.

**PALAVRAS-CHAVE.** Fonologia, Fonética, Dialectologia, Português Europeu, Paragoge.

**ABSTRACT.** This short paper aims at investigating the causes and contexts that motivate the paragoge phenomenon in European Portuguese. For this end, the phonetic transcription of a speech sample from a Trás-os-Montes' dialect was used, illustrating occurrences and environments in which the phenomenon is observed. The sample was classified according to the dialectal subgroups described by Cintra (1971), and motivators of paragoge, targeted in the present investigation, were outlined. These appear to be related to analogies with the CV syllabic structure, which is especially productive in Portuguese. The results presented here aim at contributing to the initial steps towards a description of paragoge in the investigated dialect.

**KEYWORDS.** Phonology, Phonetics, Dialectology, European Portuguese, Paragoge.

---

<sup>1</sup> Estudante do 3.º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Volume 12 | N.º 1 | 2023 | <https://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/>  
DOI: [https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12\\_1](https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_1)

## 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo a análise comentada de uma amostra de fala do Português Europeu (doravante PE), que provém de uma falante nativa originária de Alijó (concelho de Alijó, distrito de Vila Real). Os comentários aqui feitos visam a: i) identificar as marcas dialetais principais que caracterizam o discurso da falante a partir da transcrição fonética estreita deste; ii) qualificar o dialeto analisado como pertencente a um dos principais dialetos do PE (Cunha & Cintra 2016; Cintra 1971); iii) analisar a ocorrência regular da paragoge após líquidas, ilustrada pelo trecho de fala recolhido.

Como amostra de discurso, foi utilizado um trecho de 40 segundos, retirado de uma entrevista de vinte minutos com a falante. Nesta, procurou falar-se de temas com os quais a entrevistada estivesse o mais confortável possível, para que o seu discurso fosse espontâneo e revelasse com maior precisão os aspectos aqui analisados. A partir da amostra, fez-se a transcrição fonética do discurso (com base no Alfabeto Fonético Internacional) e, a partir desta, foram analisadas marcas que o caracterizassem nas principais tipologias de qualificação dos dialetos portugueses. Para o comentário dialetal, foram utilizados como base os trabalhos de Cintra (1971), Cunha e Cintra (2016), Ferreira *et al.* (1996), Massini-Cagliari (2006), Candeias (2011), Veloso (2008) e Mateus e Andrade (2000).

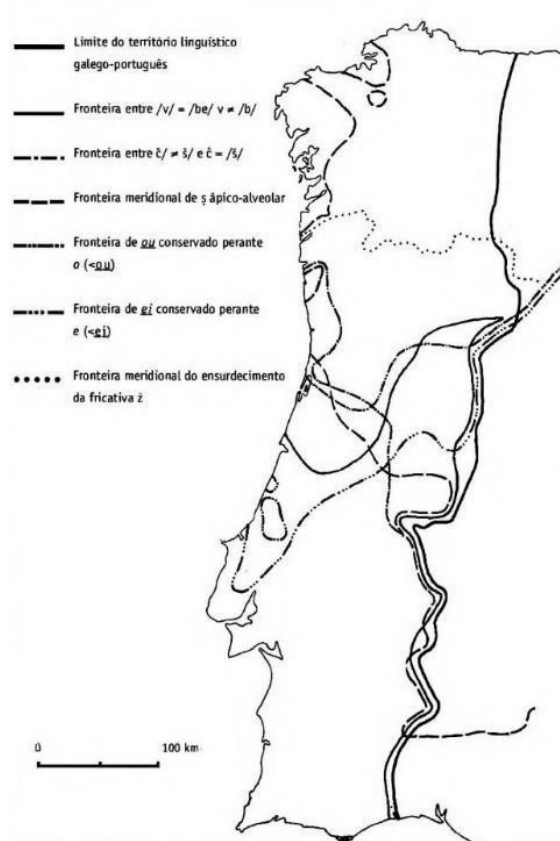
Este trabalho não visa descrever categoricamente o fenômeno da paragoge no PE. Procura, ao invés disso, investigar a aparente regularidade de um processo pouco descrito e, possivelmente, presente em alguns dialetos transmontanos. Sendo a base do estudo apenas uma amostra de fala, o autor também não busca generalizar as suas particularidades, mas começar a descrever um fenômeno nela atestado que parece ser de interesse no ramo da dialetologia da língua portuguesa.

## 2. Enquadramento teórico

Este artigo insere-se, primeiramente, na proposta de dialeção do Português Europeu Moderno por Cintra (1971). A presença ou ausência das sibilantes apicais [ʃ] e [ʒ] é identificada como a principal isófona que separa dois grandes grupos de dialetos continentais, definidos por este autor como Dialetos Setentrionais e Dialetos Centro-Meridionais.

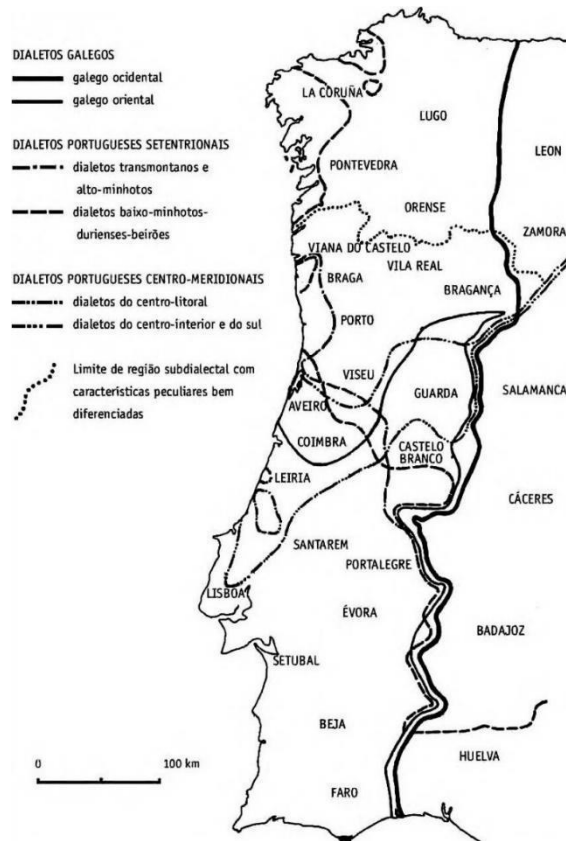
Analisando estritamente os Dialetos Setentrionais, zona focal deste trabalho, Cintra (1971) descreve as seguintes características fundamentais dessas variedades: i) neutralização da oposição entre [v] e [b] (marca também presente no Castelhana e no Galego); ii) presença

de sibilantes apicais ([ʃ] e [ʒ]); iii) conservação do ditongo medieval [ow]. O seguinte mapa esquematiza a distribuição geográfica destes traços:



Mapa 1. Características fonéticas diferenciais dos dialetos galego-portugueses (Cunha & Cintra 2016: 26)

Considerando estes traços, o autor também descreve a separação dos dialetos do Norte de Portugal em dois subgrupos: os transmontano-alto-minhotos e os baixo-minhotos-durienses-beirões. Os primeiros são marcados sobretudo pela existência de um sistema de quatro sibilantes, nomeadamente [s], [z], [ʃ] e [ʒ]. Os segundos, em contraste, por um sistema de duas sibilantes: apenas as apicais [ʃ] e [ʒ]. O mapa a seguir ilustra a presença destes dialetos no território lusófono:



Mapa 2. Características fonéticas diferenciais dos dialetos galego-portugueses (Cunha & Cintra 2016: 27)

Apoiando-se nessas sólidas bases, pretende-se, doravante, apresentar a metodologia adotada na coleta da amostra de fala e, principalmente, descrever o dialeto analisado com base nos traços apontados por Cintra (1971). Visa-se também a destrinchar propriedades não mencionadas pelo autor, mas que possam, de igual modo, caracterizar a amostra de fala e, potencialmente, com a ajuda de outras amostras, o dialeto de Alijó.

Uma destas propriedades, e foco deste artigo, é a paragoge, que será ulteriormente descrita. Este fenômeno ainda é, no caso do PE, de atestação parca, mas há, nos trabalhos analisados, alguns aspectos coincidentes que embasaram a redação do presente estudo: i) a ocorrência da paragoge após líquidas (Massini-Cagliari 2006; Candeias 2011); ii) a caracterização da vogal adicionada como próxima de [i], tendo timbre variável e outras realizações possíveis, como [i̯] ou [ɪ] (Candeias 2011). Assim, apoiando-se nesses fatores gerais, os casos de paragoge na amostra de fala foram descritos; procurou-se, também, explorar outros fatores, sejam históricos, sejam linguísticos que pudessem explicar estas ocorrências.

### 3. Metodologia

O material analisado neste trabalho consiste num trecho de 40 segundos de fala de uma falante do PE Moderno, natural de Alijó (concelho de Alijó, distrito de Vila Real). Este excerto foi selecionado de uma entrevista de 20 minutos, na qual a informante respondeu a perguntas do entrevistador relativas ao seu dia-a-dia e à sua infância. A seleção destes temas teve como objetivo assegurar que a falante estava confortável o suficiente para se atentar mais ao assunto do que à sua fala (isto é, mais ao conteúdo do que à forma), evitando-se, assim, uma supressão consciente de marcas dialetais, por vezes estigmatizadas.

Desse modo, considera-se que a amostra aqui apresentada é representativa dos fenômenos acima delineados e pode ser um princípio para começar a descrever e atestar ocorrências ainda pouco exploradas pelos principais dialetólogos do PE, não obstante a extensão da bibliografia sobre o assunto.

Finalmente, vale apontar que os traços descritos por Cintra (1971), retomados em Cintra e Cunha (2016), são gerais e, evidentemente, o pertencimento de um dialeto a um subgrupo não requer a presença constante neste de todas as particularidades delineadas. Ainda assim, idealmente, podem identificar-se, em amostras de fala apropriadamente recolhidas, características recorrentes e regulares que podem aproximar o dialeto a uma das formas ideais propostas pelos autores citados.

No presente artigo, adotou-se a seguinte abordagem: foram consideradas como marcas dialetais ocorrências fonológicas repetidas duas ou mais vezes (dada a curta extensão da amostra) no mesmo exato contexto. A partir delas, é possível delinear algumas conclusões relevantes sobre as particularidades da amostra analisada que, se aliadas a análises de mais amostras de fala da região, podem contribuir com uma melhor descrição do dialeto de Alijó.

### 4. Transcrição fonética estreita da amostra de fala tratada

**eu não mas eu faço ideia porque eu conheço o trabalho do campo não é porque o meus**  
 [ew næw̃ majz ew 'fasw i'ðejə 'purk ew ku'nesu u trɐ'baɫu ðu 'kæpu nu<sup>w</sup> ε pɾk u 'mewɟ]  
**pais também tinham também tinham campo não era nenhuma quinta mas tinham não é para**  
 ['pajz tɐ'mɛ̃ 'tɿnɐw̃ tɐ'mɛ̃ 'tɿnɐw̃ 'kæpu nu<sup>w</sup> 'ɛrɛ n'umɐ 'kĩtɛ mæɟ 'tɿnɐw̃ nu<sup>w</sup> ε prɛ m ɐ]  
**granjeavam o vinho e e para se comer as batatas e assim e eu sei que a vida do campo é dura**  
 [grɐ'zɛabɐw̃w 'viɲu i i pɛ s ku'merɿ ɐz bɐ'tataz i ɐ'sĩ i j ew sej kja 'bidɛ du 'kæpu<sup>w</sup> ε 'ðurɐ]  
**não é ainda hoje pronto já é tudo mecanizado e mas mesmo assim é preciso ainda bastante mão**  
 [nɐw̃ ε 'ĩda 'ozɿ 'prɔtu zɐ ε 'tudu mɿkɐni'zaðu i mɛz 'mezɲw ɐ'sĩ ε pɾ'sizu 'ĩda bɟɟtɛti mæw̃]  
**de obra e no douro aquilo no verão muito calor pelo calor e e há serviços na na nas**

[d 'ɔbre i nu 'ðowru v'kilu nu vɨ'rãẽw̃ 'mũ̃tu kɐ'lorɨ 'p̃ɨlu kɐ'lorɨ i iː a sɨr'βisuz̃nɐ nɐ nɐz]

**vinhas que tem tem que ser feita pelo calor não é**

[ˈβɨnaz̃k̃ɨ tẽ tẽ k se ˈfejta ˈp̃ɨlu kɐ'lorɨ nu<sup>w</sup> ɛ]

## 5. Identificação sociodemográfica e socioletal do falante estudado

A falante que forneceu a amostra aqui analisada é natural da freguesia de Vilar de Maçada, concelho de Alijó, distrito de Vila Real. Na altura da entrevista, tinha 73 anos completos. Passou a infância, até aos dez anos de idade, na mesma freguesia, e passou a maior parte da vida, inclusive os quinze anos anteriores à entrevista, na freguesia de Alijó (mesmos concelho e distrito). Exerceu, ao longo da vida, as profissões de doméstica e talhante, e tem escolaridade completa até o 4.º ano.

Tanto o pai quanto a mãe da falante eram naturais de Vilar de Maçada, onde passaram a maior parte da vida. Os dois exerceram a profissão de padeiro. O pai era analfabeto; a mãe tinha escolaridade inferior ao 4.º ano.

## 6. Comentário dialetal

### 6.1. Fenômenos consonânticos

Nota-se, na amostra analisada, um forte pertencimento ao subgrupo dialetal “transmontano-alto-minhoto”, como descrito por Cintra (1971). Serão aqui descritas as características fonéticas e fonológicas que possibilitam este enquadramento.

Comentando-se inicialmente os fenômenos consonantais, destaca-se, em primeiro lugar, a presença da sibilante apicoalveolar [z]: ocorre em finais de palavras antes de consoantes vozeadas ou vogais (como em [majz] – correspondente a “mas” – e em [bɐ'tataz] – correspondente a “batatas”) e finais de sílabas (como em ['mez̃mw] – correspondente a “mesmo”). Também se encontra a sua contraparte surda, [ʒ], nos seguintes contextos: finais de palavras antes de consoantes surdas (como em ['pajʒ] – correspondente a “pais”) e finais de sílabas (como em [bɐʒ'tɛti] – correspondente a “bastante”).

Há, portanto, a presença de um sistema de quatro sibilantes: [s], [ʒ], [z] e [z]. Esse fenômeno é fundamental para a classificação inicial da amostra, dado que corresponde à divisão entre dialetos setentrionais e centro-meridionais (Cintra 1971). Assim, cabe estabelecer, de partida, que se trata de um dialeto setentrional. Além disso, a coexistência de sibilantes apicais e predorsais é marca do subgrupo transmontano-alto-minhoto (Cintra 1971). Tal fato, associado

ao contexto sociolinguístico da falante, é pouco surpreendente, considerando que passou parte significativa da sua vida na região de Trás-os-Montes, especificamente no Concelho de Alijó.

Há, também, outro traço muito particular dos dialetos do Norte de Portugal: a neutralização da oposição entre [v] e [b]. No caso da amostra aqui analisada, não há sempre neutralização completa; pode-se falar em atenuação da oposição. Tal acontece porque se observam três formas distintas de se realizar o fone [v]: i) como [v], mantendo-se a oposição (e.g. ['viɲu], “vinho”); ii) como [b], sendo a oposição neutralizada completamente (e.g. ['bidɐ], “vida”); iii) como [β], fricativado, o meio-caminho entre o [b] e o [v] (e.g. [sɨr'βisuzɔ], “serviços”). Percebe-se, principalmente, que a pronúncia fricativada ocorre em posição intervocálica ou após líquidas. Esta característica é bastante marcada nos dialetos setentrionais (Cintra & Cunha 2016) e, na amostra, não permeia o discurso como um todo, posto que o [v] ainda se mantém, mesmo que, na maior parte das vezes, realizado como [b] ou [β]. Cabe ressaltar, também, que o fone [ð], realização intervocálica de [d], se comporta de forma análoga ao [β] intervocálico (seja antes de vogal e após vogal em posição final de sílaba – [i'ðejɐ] -, seja antes de vogal e após vogal em posição final de palavra – [ɛ'ðurɐ]).

Em conclusão do que tange às consoantes, também se observou, em três ocorrências da mesma palavra ([ˈtɨɲɐ̃w̃], “tinham”), a articulação dental da oclusiva apicoalveolar [t]. Tal articulação pode se dever ao fato de a vogal que a segue se tratar de uma anterior, isto é, articulada na parte da boca mais próxima dos dentes. Tratar-se-ia, pois, de um fenômeno de antecipação, em que a articulação da vogal contamina a articulação da consoante que a precede (Malmberg 2002), havendo a dentalização. Cabe adicionar que a classificação do fonema do Português /t/ como dental ou alveolar também é questão de debate, como referido por Veloso (1994). Assim, ainda que tal fenômeno pareça, na amostra, ser minimamente regular (isto é, ocorrendo sempre antes da vogal alta anterior [i]), seriam necessárias mais amostras dialetais que atestassem tal ocorrência para considerá-la uma marca dialetal e não uma marca idiossincrática da falante.

## 6.2. Fenômenos vocálicos gerais

Com relação às vogais, primeiramente, observa-se uma manutenção clara do ditongo [ow], realizado como [ow]. Tal ocorrência é atestada em ['ðowru] (“Douro”), em que a realização fonética corresponde à ortografia, posto que o ditongo é grafado. De notar que, no que tange à história do Português e das mudanças fonológicas que afetaram a língua, essa manutenção do ditongo contrasta com a realização mais tipicamente meridional deste ditongo

como [o], sendo tal monotongação uma inovação, e a ditongação setentrional, característica mais conservadora (Cintra 1971).

Nota-se, também, a palatalização de [a] e [ẽ] em [æ] e [ã], respectivamente. A articulação não nasal [æ] é sobretudo condicionada em sílabas tônicas pela presença, na sílaba anterior, das semivogais [j] e [w] ou de [i] e [u] átonos (Cintra 1971). A articulação nasal ocorre sempre como [ã̃w̃], realização do ditongo [ẽw̃].

### 6.3. Paragoge

O último e, talvez, mais chamativo fenômeno vocálico atestado na amostra é a paragoge de [i] ou [e] (realizados também de forma levemente mais velarizada, [ɪ]) após líquida, como em [ku'merj], “comer” e em [kɐ'lorɪ], “calor”. Essa realização era bastante típica do Português Arcaico, como aponta Massini-Cagliari (2006), mas se observava sobretudo em contextos rítmicos, como canções, trovas e cantigas medievais. Segundo a autora, em todos os casos atestados em cantigas portuguesas arcaicas, esta paragoge rítmica se dá pelo acréscimo de vogal próxima a [e] após as líquidas [l], [n] e [r]. Analogamente, na amostra recolhida para este artigo, a paragoge (aqui, das vogais [i] e [ɪ], próximas a [e] e a [i]) se dá exatamente no mesmo contexto. O que não se nota é a finalidade rítmica desta inserção.

Na fala aqui analisada, o que se observa é a inserção da vogal no final da palavra em analogia a uma estrutura silábica bastante comum no PE, a sílaba Consoante-Vogal (CV). Este tipo de estrutura é frequentemente considerado como universal, sendo especialmente produtivo nas línguas românicas (Marotta 2022). Assim, o que poderia observar-se nos casos de paragoge atestados seria a separação de sílabas (C)(C)VC (com consoante em coda), em contexto de final de palavra, em duas novas sílabas: uma (C)(C)V e outra CV, apresentando esta última vogal paragógica e, em posição de ataque, a consoante que servia de coda à sílaba original.

Esse tipo de mudança é amplamente atestado em línguas latinas e ocorreu na passagem do Latim para o Italiano moderno, por exemplo (e.g. amor [Lt.] -> amore [It.]; honor [Lt.] -> onore [It.]; sol [Lt.] -> sole [It.]). Nesta amostra dialetal, bem como em dialetos similares ao da falante nativa entrevistada (cf. Candeias 2011), as formas verbais (sobremaneira atingidas pela paragoge) terminadas na rótica [r] na norma padrão do PE terminam em [rɪ] ou [ri], assemelhando-se, por meio da paragoge, ao antigo padrão latino de terminação de conjugações ([re], em pronúncia reconstituída). Nesse sentido, convém ressaltar que, no Português, /i/ é considerada como vogal não marcada no nível lexical e, por isso, é muito produtiva em epênteses (Mateus & Andrade 2000), sendo esperado o uso desta vogal como paragógica.

No caso da paragoge após o [l] e o [n], não há necessariamente similaridade fonética ou etimológica ao Latim, mas sim uma maior aproximação à estrutura silábica CV (Massini-Cagliari 2006). Sendo os dialetos setentrionais do PE mais conservadores foneticamente (Ferreira *et al.* 1996), uma hipótese de estabelecimento diacrônico (isto é, de mudança linguística atestada) deste tipo de paragoge nos dialetos transmontanos como o da falante investigada pode ser plausível e sua investigação mais profunda seria bastante prolífica.

Uma evidência final, no contexto da Teoria da Otimalidade, é referida por Veloso (2008), que indica que AVOIDCODA seria uma restrição prosódica no Português, caracterizada principalmente pela eliminação da consoante em coda:

“NoCODA does seem to play a very prominent role in syllable-constituency of Portuguese and to be ranked, in this language, higher than other constraints, such as [+SON,+COR]CODA. What is more, the tendency towards deletion of any segmentally filled codas in different periods of the language history and according to a considerable array of different surface manifestations leads us to the proposal of a more powerful constraint such as AVOIDCODA.”

(Veloso 2008: 19)

Assumindo que esta restrição se encontra, de fato, presente no Português, a paragoge poderia atuar no sentido de evitar consoantes (na amostra em questão, [r]) em coda por meio da inserção de uma vogal.

## 7. Considerações finais

Em termos gerais, observa-se, na amostra analisada, um pertencimento evidente aos dialetos nortenhos, atestado por: i) neutralização (ainda que não em todos os casos) da oposição entre [v] e [b]; ii) conservação do ditongo [ow]; iii) presença das sibilantes apicais [ʃ] e [ʒ]. Ademais, corresponde, entre os subgrupos dialetais setentrionais, ao transmontano-alto-minhoto (Cintra 1971), sobretudo pela coexistência de [ʃ] e [ʒ] com as sibilantes predorsais [s] e [z], não atestada no subgrupo baixo-minhoto-duriense-beirão.

O fenômeno em foco neste artigo, i.e., a paragoge, encontra-se presente na amostra, sendo, ainda, pouco descrito na literatura dialetológica do PE. O autor deste trabalho procurou, para além de contribuir muito sucintamente com a divulgação desta ocorrência, principiar discussões que possibilitem explicá-la, sobretudo nos contextos aqui apresentados. Propõe-se

que, fundamentalmente, a paragoge, no PE, surge como uma forma de aproximar sílabas com consoantes em coda à estrutura silábica básica CV.

O autor tem a consciência de que a análise de apenas uma amostra de fala não dita tendências, mas, ainda assim, acredita que pode apresentar caminhos para trabalhos futuros. Assim, o objeto do presente estudo pode e deve ser mais desenvolvido, levando em conta a coleta de mais amostras de fala que possam, efetivamente, demonstrar que a paragoge não é só uma marca idioletal, mas potencialmente uma característica vocálica fundamental do dialeto de Alijó e de outros falares transmontanos.

## Referências

- Candeias, S. 2011. Sistema fonológico da Beira Interior e algumas considerações sintático-semânticas. *Journal of Portuguese Linguistics* 10(2): 57-62.
- Cintra, L. 1971. Nova proposta de classificação dos dialectos Galego-Portugueses. *Boletim de Filologia* 22: 81–116.
- Cunha, C.; Cintra, L. [1978] 2016. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7.ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Ferreira, M.; Carrilho, E.; Lobo, M.; Saramago, J.; Cruz, L. 1996. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In I. Faria, E. Pedro, I. Duarte, C. Gouveia (Eds.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (479–502). Caminho.
- Malmberg, B. 2002. *La Phonétique*. 19th édition. Paris: Presses Universitaires de France.
- Marotta, G. 2022. Structure of the Syllable. In A. Ledgeway; M. Maiden (Eds.), *The Cambridge Handbook of Romance Linguistics* (1<sup>st</sup> ed., 183–208). Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108580410.007>.
- Massini-Cagliari, G. 2006. Otimalidade e Estilo: o caso da paragoge em Português Arcaico. *Estudos Linguísticos* 35: 870–877. <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/103.pdf>
- Mateus, M. H. M.; Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Veloso, J. 1994. Algumas notas sobre a classificação de /t/ e /d/ em português. *Línguas E Literaturas* 11: 131–146. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2678.pdf>
- Veloso, J. 2008. Coda-avoiding: Some Evidence from Portuguese. *Romanitas, Lenguas Y Literaturas Romances* 3(1).

# ***HOTÉIS PESTANA - ATOS DE FALA E OUTROS MECANISMOS DE PERSUASÃO: ANÁLISE DE 50 POSTS DE FACEBOOK DA PÁGINA DA CADEIA DE HOTÉIS PESTANA***<sup>1</sup>

Ilda Rodrigues<sup>2</sup>

[up202005966@letras.up.pt](mailto:up202005966@letras.up.pt)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

**RESUMO.** Este trabalho, inscrito no âmbito da Pragmática, tem como principal foco a análise de *posts* publicados na página de *Facebook* da cadeia de hotéis “Pestana”, com o objetivo de perceber quais os atos ilocutórios mais frequentes e verificar os mecanismos mais utilizados para intensificar a sua força ilocutória. A partir do *corpus* selecionado, as tarefas realizadas foram as seguintes: i) identificação do tipo de destinatário a que os *posts* se dirigem e ii) estudo de alguns mecanismos linguísticos e pragmáticos que concorrem para a persuasão do discurso.

**PALAVRAS – CHAVE.** Atos de fala, força ilocutória, *emoji*, superlativação, doxa.

**ABSTRACT.** This work, within the scope of Pragmatics, focuses on the analysis of *posts* published on the *Facebook* page of the hotel chain “Pestana” hotels, with the aim of identifying the most frequent illocutionary acts and verifying the mechanisms most frequently used to intensify their illocutionary force. Based on the selected *corpus*, we performed the following tasks: i) identification of the type of recipient to whom the *posts* are addressed to and ii) study of a few linguistic and pragmatic mechanisms that work together to contribute to the persuasiveness of the discourse.

**KEY-WORDS.** Speech acts, illocutionary force, *emoji*, superlativation, doxa.

---

<sup>1</sup> Este trabalho resulta do projeto final da Licenciatura em Ciências da Linguagem. Agradece-se aos avaliadores o apoio e oportunidade de melhoria deste trabalho.

<sup>2</sup> Estudante do 1.º ano do Mestrado em Ciências da Comunicação - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.  
Volume 12 | N.º 1 | 2023 | <https://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/>  
DOI: [https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12\\_1](https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_1)

## 1. Introdução

As redes sociais são cada vez mais utilizadas, de tal forma que acabaram por se tornar indispensáveis no quotidiano. A sua constante utilização levou a que todo o tipo de discurso fosse adaptado às plataformas digitais, como as mensagens longas, de cariz pessoal ou político, as legendas que são colocadas nas fotografias e até mesmo a publicidade ou comunicação exercida pelas empresas ou marcas nestas páginas.

Este trabalho insere-se numa perspectiva pragmática que visa estudar enunciados reais (neste caso, retirados do *Facebook* – mais concretamente, da página de *Facebook* do grupo de hotéis “Pestana”). A análise será feita, em primeiro lugar, a partir da teoria dos atos de fala de Searle (1979), a que se juntarão algumas outras aporções que com ela se relacionem, como, por exemplo, a modalização ao serviço da persuasão, a aproximação ao destinatário da mensagem por meio de mecanismos pragmático-linguísticos, traços de discurso argumentativo, entre outros.

O *Facebook*, conhecido pela maior parte da sociedade, é uma rede social que permite que os seus utilizadores interajam entre si através da troca de mensagens por chat, de *posts*, partilha e carregamento de fotografias, vídeos e áudios. Devido a esta diversidade de atuação, a plataforma tornou-se apelativa para várias empresas. A empresa em estudo, o grupo de hotéis “Pestana”, foi uma das que decidiu aderir a esta rede, com intuítos informativos e publicitários, como é, aliás, tendência para quase todas as empresas.

Neste estudo, interessa perceber o modo como o grupo de hotéis “Pestana” comunica no *Facebook* e que estratégias discursivas utiliza para persuadir o seu público. Surgem, assim, algumas questões, tais como: i) quais os mecanismos de persuasão mais utilizados pela empresa no *Facebook*?; ii) a intensificação encontra-se mais associada a algum tipo de ato de fala concreto?; iii) qual será a construção mais procurada – *ethos*, *pathos* ou *logos*?

## 2. Enquadramento Teórico

As redes sociais são usadas, principalmente, para comunicar com os outros, realizar partilhas e, no que diz respeito especificamente às empresas, criar uma identidade digital para (re)conhecimento da marca. Contudo, estas podem ainda ser usadas para dar a conhecer algo aos utilizadores, que pode passar por: uma organização, um evento, um espaço de comércio, uma marca ou até mesmo um estilo de vida. Tal como afirmado por Pinto (1998: 25), as propriedades físicas do produto apresentado não são suficientes para criar a motivação de compra no público, sendo assim necessário associar o produto a uma imagem social ou estilo

de vida desejado – criando uma identificação leitor/produto. Para isto, as diferentes páginas recorrem a várias ferramentas linguísticas, como, por exemplo, o discurso informativo e, sobretudo, persuasivo.

O discurso persuasivo – estudado pela retórica – é, segundo Mateus (2019), uma forma de convencimento do público que reúne ethos, pathos e logos, ou seja, uma conexão entre uma vertente de caráter e credibilidade e de emoção e racionalidade. Este tipo de discurso é, assim, observado constantemente na publicidade, associado, ainda, a componentes argumentativas, narrativas e descritivas das oportunidades apresentadas. A componente argumentativa é constituída por uma tese que serve de suporte para a argumentação realizada ao longo do texto, concentrando-se a componente persuasiva na procura de validação da argumentação, muitas das vezes através de uma relação causa-efeito (Monnerat 2000: 104). Já a utilização da narrativa serve para a apresentação de uma resolução para um problema inicial ou, segundo Monnerat (2000: 104), a apresentação da “falta” e “liquidação da falta” numa história ou num produto publicitado. Existe ainda uma vertente enunciativa utilizada para sugerir, julgar, avisar, opinar, pedir, interrogar e prometer com valor de obrigação (Teixeira 2016: 212). Note-se que alguns destes elementos não são referidos na descrição concreta dos *posts* por não se encontrarem presentes neles.

A continuação dos estudos nesta área, realizados pela retórica (que coloca o seu propósito na criação de sensações intensas de modo a influenciar o público em situações propícias), permitiu verificar que a relação entre razão e emoção é crucial para uma mudança de atitude e tomada de decisão por parte da audiência, denominada por Mateus (2019) como “persuasão emocional”. Este continuum cria uma dimensão de sugestibilidade, apoiada na emoção, como tentativa de tomada de controlo do “poder de decisão do auditório” (Mateus 2019: 133). Esta é uma dimensão muito utilizada nas redes sociais, visível pela interação do público com os *posts* através das reações, mais precisamente os *likes* ou gostos, ou pelo seu contrário, isto é, repúdio ou zanga.

Importa, ainda, referir que a “persuasão emocional” ocupa uma posição muito importante em satisfações primárias – fisiológicas e biológicas – e secundárias – psicológicas e sociais (Mateus 2019: 135). Este tipo de persuasão é muito relevante para a análise realizada neste trabalho, visto que, segundo o autor referido, se torna imprescindível nos consumos de luxo e na procura de um estatuto social mais elevado e reconhecido. Assim, quanto mais direcionado para um determinado público for este discurso, mais sucesso ele terá.

A produção de um enunciado, tal como Searle (1979) explicou, envolve sempre a produção de um ato de fala. Que atos de fala serão mais frequentes e mais úteis no tipo de enunciados analisados na presente investigação? Trata-se de textos curtos e que pretendem persuadir o destinatário. Parece, assim, necessário verificar que tipos de atos de fala existem e quais são os mais abundantes.

Searle (1979) defende que cada ato de fala é composto por: um ato locutório (o conteúdo proposicional), um ato ilocutório (a intenção por detrás daquilo que é dito) e um ato perlocutório (os efeitos causados pelo ato). O seguimento das regras que suportam e definem os atos de fala determinam o sucesso dos mesmos.

De modo a evidenciar os objetivos de cada ato, Searle (1979) realiza uma classificação dos atos de fala em cinco tipos: declarativos, expressivos, assertivos, compromissivos e diretivos.

Os atos declarativos são bastante marcados, devido ao facto de requererem propriedades específicas. Para a realização bem-sucedida deste tipo de atos, o falante deve ocupar uma posição especial, que lhe permita assegurar a mudança de estado de coisas no mundo (Marques 2018: 86).

Já os atos expressivos são utilizados para expressar “um estado psicológico” (Marques 2018: 86), constituindo atos mais estabilizados (como o pedido de desculpa e o agradecimento – atos mais mecanizados, ou seja, sem grande modificação de utilização) e outros menos estabilizados (como a expressão de sentimentos ou emoções).

Os atos assertivos são atos que permitem uma avaliação de veracidade, ou seja, podem ser classificados como verdadeiros ou falsos (Marques 2018: 86), visto que pretendem realizar uma descrição da realidade, informar sobre um determinado estado de coisas.

Por último, os atos compromissivos compreendem a predisposição do falante para a realização de uma ação futura, enquanto os atos diretivos pretendem levar o ouvinte a realizar determinada tarefa ou ação, também futuras (Marques 2018: 86).

Os atos de fala estão ligados à modalização e à modalidade. A modalização permite elevar – através da intensificação, do reforço e realce, por exemplo – ou reduzir – atenuando ou mitigando – a força ilocutória do ato de fala, que pode ser mais impositivo ou menos, mais forte ou mais fraco (cf., p. ex., Haverkate (1979) para os atos diretivos). Os atos de fala encontram-se, ainda, diretamente associados a três tipos de modalidade: epistémica, deôntica e avaliativa.

A modalidade epistémica encontra-se associada ao grau de crença dos falantes e, por isso, conecta-se com os atos assertivos. Já a modalidade deôntica está diretamente relacionada

com o dever, a obrigação e a necessidade, relacionando-se com os atos diretivos e os compromissivos. Por fim, a modalidade avaliativa encontra-se associada aos atos expressivos, visto que se relaciona com os juízos de valor realizados sobre um enunciado.

Neste ponto, importa referir que, segundo Valentim e Gonçalves (2021: 105), Quirk (1988) divide os “intensificadores” em três subclasses: “intensificadores”, “amplificadores” e “redutores” – diferenciando-os através da força que lhes é atribuída.

Na publicidade, o conceito de intensificação procura uma aproximação à modalidade avaliativa, tentando sempre demonstrar positividade. Contudo, este valor atribuído depende do alocutário e da interpretação e avaliação que este faz do discurso (Valentim & Gonçalves 2021: 105). Assim, é possível verificar que a modalidade é graduável, estando associada a uma escala.

Ainda com o objetivo de obter uma interação mais próxima e menos formal com os destinatários, são utilizados emojis. Estes constituem a modernização dos antigos pictogramas – “símbolos gráficos ligados a objetos, representações e conceitos” (Moro 2016: 53). Apesar de terem aspetos variados, apresentam um significado estabelecido, permitindo assim uma utilização globalizada dos mesmos (apesar das diferenças linguísticas e culturais), tornando-se formas de comunicação alternativas às palavras, que evoluem e adquirem novos significados com o passar do tempo. A utilização destes símbolos tornou-se popular no meio eletrónico por possibilitar a transmissão rápida de emoções e sensações entre participantes da conversação, sendo que a sua interpretação passa pela relação entre as experiências pessoais e as ligações culturais (Moro 2016: 62).

A esta forma de comunicação associa-se, ainda, uma linguagem mais adjetiva e conotativa (cf. Mateus 2019), que tem como principal objetivo influenciar o público, recorrendo, muitas vezes, a recursos expressivos, como a metáfora, a hipérbole e a enumeração. Desta forma, torna-se possível criar um discurso mais positivo e valorativo, capaz de criar desejo pelo produto no consumidor.

A utilização de provérbios é, também, uma forma de credibilizar e empoderar o discurso e a argumentação (Pinto 1998: 124), sendo empregada a *doxa* ou *vox populi*, ou seja, utilizam-se expressões conhecidas por todos, ou, pelo menos, pela maior parte das pessoas, adquiridas como verdades inquestionáveis. O reconhecimento das expressões populares invoca a memória pessoal, podendo levar a uma parte mais emotiva, dependendo das experiências pessoais de cada um. Tal como referido por Teixeira (2016), os provérbios podem informar de uma forma direta ou indireta e dependem do conhecimento interiorizado do falante. Estes podem, ainda, servir de conselho, aviso, justificação ou crítica (Teixeira 2016: 212).

Todos os mecanismos referidos vão ao encontro do que é defendido por Pinto (1998: 25), quando afirma que a publicidade tem como objetivo realizar uma comunicação direta com o subconsciente do público, levando-o a tomar uma decisão mais emocional e espontânea.

### 3. Metodologia

Este trabalho encontra-se dividido em duas partes fundamentais: recolha e seleção do corpus e respetiva análise.

O *corpus* deste trabalho foi selecionado a partir da página de *Facebook* do grupo de hotéis “Pestana”. De modo a tirar conclusões mais abrangentes sobre o tipo de discurso utilizado nos *posts*, foi selecionado o máximo de material linguístico que permitisse uma análise o mais detalhada possível dos atos de fala. De forma a responder a estes requisitos, e existindo mais do que uma página desta cadeia de hotéis, acabou por ser selecionada a página *Pestana Hotels & Resorts*.

Após a recolha de informação a partir de leitura bibliográfica e a seleção do *corpus*, foi realizada uma análise do mesmo. Em primeiro lugar, o corpus foi categorizado por temas: datas especiais (total: 9), serviços (total: 9), apelo à imaginação (total: 10), relação de proximidade/apelo emotivo (total: 9), ligação histórica (total: 6), localização (total: 8) e preocupações sociais e cultura (total: 6). De seguida, foram analisados os atos de fala presentes em cada *post* recolhido.

Importa referir que esta categorização surgiu com base nos atos de fala que se encontravam mais frequentemente abrangidos por estes temas. Os temas, em si, foram designados devido ao léxico apresentado nos *posts* e às imagens que acompanhavam os mesmos – demonstrando que existe uma relação entre a temática dos *posts* e os atos de fala.

Passou-se, depois, para uma análise mais exaustiva, ao verificar os adjetivos (usados para valorizar certos objetos do discurso e assim aumentar a força da persuasão), a presença de doxa (que é usada como forma de persuasão, dado que aquilo que faz parte da doxa aparece, ao destinatário, como evidente, indiscutível, partilhado por todos), a utilização de *emojis* (usados para criar mais interação com o leitor, mas também para fazer transparecer sensações) e, por fim, recursos expressivos.

#### 3.1. Corpus

O *corpus* deste trabalho é constituído por um total de 57 *posts* principais, recolhidos entre 1 de julho de 2021 e 8 de agosto de 2022, ou seja, num período pós-pandemia, em que os

setores mais afetados pelo confinamento vivido devido à COVID-19 estariam, ainda, a tentar recompor-se. Estes *posts* foram divididos pelas categorias mencionadas acima, tendo sido adicionados 4 *posts* especiais, onde se encontra inserida a sigla latina P.S. (*post scriptum*, ou seja, escrito depois), como em: “Peça uma bebida e venha relaxar à beira da piscina! PS: Aproveite os descontos exclusivos até 40% em hotéis selecionados. Não perca tempo e reserve já!”. A inserção destes *posts* mais invulgares tornou-se interessante devido ao seu grau de informalidade e à sensação de proximidade e familiaridade criada entre a cadeia de hotéis “Pestana” e o público. Note-se que esta sigla surge principalmente para dar a conhecer campanhas promocionais, funcionando como uma chamada de atenção extra.

### 3.2. Análise dos atos de fala

Retomando os 57 *posts* principais, procurou-se perceber como funciona a relação entre os atos de fala que compõem cada *post* e a categoria em que estes se encontram inseridos, verificável no Anexo 1.

Assim, os atos mais utilizados são, sem dúvida, os atos diretivos, como: “No dia mais romântico do ano surpreenda a sua cara-metade”, “Consulte as condições no nosso site no link da bio.”, bem como atos assertivos, tais como: “Há 50 anos a preparar o melhor amanhã possível”, “Em Outubro as ruas do Funchal enchem-se de cor para receber a Festa de Flor, que celebra a abundância e diversidade de flores existentes na ilha.”, sendo os primeiros mais utilizados em *posts* de apelo à imaginação e de datas especiais e os últimos mais utilizados quando existem ligações históricas, localizações específicas e, ainda, na criação ou demonstração de relações de proximidade com o leitor. Esta regularidade mostra que alguns *posts* visam convencer através de injunções, conselhos ou sugestões, e outros, por disponibilizarem informação que pode resultar atrativa.

Sendo, ainda, possível tirar conclusões relativas aos outros tipos de atos de fala, vale referir que os atos expressivos, como seria de esperar, estabelecem uma ligação mais forte com os *posts* inseridos nas categorias “relações de proximidade” e “apelo à imaginação”. Veja-se, a título ilustrativo: “Feliz dia do Pai, ao herói que nos acompanha todos os dias!”. Já os atos compromissivos alcançam a sua utilização máxima em *posts* de “relações de proximidade” e “apelo emotivo”, como: “Conte com o Pestana Hotel Group para o ajudar.”, “E por isso pode contar com todo o apoio do nosso staff”.

Por último, ressalta-se que, tal como já era de esperar, não se encontram presentes nos *posts* analisados atos do tipo declarativo, uma vez que este tipo de atos tem como objetivo a

“mudança de estado de coisas no mundo” por parte do emissor portador de um poder – o que não poderia acontecer com o Grupo Pestana, que não terá poder para tal feito.

### 3.3. Recursos Expressivos e outros mecanismos

Os recursos expressivos são essenciais para a elevação da força ilocutória dos atos presentes nos *posts* analisados. Neste ponto de análise, encontram-se inseridos, não só recursos como a metáfora (a) e a superlativação (b), mas também outros tipos de recursos fundamentais para o estudo, como a enumeração (c) e a antítese (d), mas também o recurso a um tom mais informal ou coloquial (e), perguntas com valor de sugestão (f), utilização de léxico com polaridade positiva (g), informação atrativa (h) e utilização da primeira pessoa do plural (de forma a criar uma sensação de proximidade com o consumidor/leitor) (i).

- (a) “Feliz dia do Pai, ao herói que nos acompanha todos os dias!”
- (b) “Há 50 anos a preparar o melhor amanhã possível 🥰”
- (c) “Este hotel tem uma piscina interior e duas piscinas exteriores, um passadiço de acesso à praia e Kids Club para os mais pequenos.”
- (d) “Seja em trabalho ou em lazer conte com o Pestana Hotel Group para tornar a sua experiência única”
- (e) “Comece a semana cheio de motivação e claro, com uma chávena de café”
- (f) “Porque não aproveita e reserva uma escapadinha para o próximo fim de semana?”
- (g) “Venha também viver o espírito natalício no conforto do Pestana”
- (h) “Nesta altura do ano a cidade cobre-se de neve e enche-se de mercados de Natal”
- (i) “Desafiamo-lo a tornar 2023, o ano em que se aventura a conhecer novos locais e a criar memórias inesquecíveis”.

Um dos recursos linguísticos mais significativos, e que não pode deixar de ter um lugar de destaque neste trabalho, é a superlativação (cf. (j), abaixo), que ocorre 73 vezes, de formas variadas, através da adjetivação superlativa, como em (k) e (l), e da metáfora superlativa, como em (m), onde “herói” se refere a “pai”. Este recurso surge principalmente em atos diretivos (n), mas também marca bastante a sua presença em atos assertivos (o). Importa referir que, enquanto a superlativação, nos atos diretivos, se encontra mais ligada a *posts* de datas especiais e de apelo à imaginação, nos atos assertivos, estabelece uma maior conexão com *posts*, não só de apelo à imaginação, mas também de ligação histórica e localização.

- (j) “No dia mais romântico do ano”
- (k) “inesquecíveis”
- (l) “experiência única”
- (m) “Herói”
- (n) “Venha passar os melhores momentos em família no Pestana Colombos All inclusive”
- (o) “No Pestana Rio Atlântica pode beneficiar da melhor vista para a praia enquanto se refresca com o melhor serviço de bar.”

Relativamente às perguntas com valor de sugestão encontradas nos *posts*, que visam envolver o destinatário na construção do sentido, é inevitável referir que estas não surgem nos *posts* em análise como verdadeiras perguntas, ou seja, como atos diretivos que têm como objetivo a obtenção de uma resposta ou informação. Estas surgem com funções variadas, tais como apresentar um espaço (“Consegue adivinhar em que local se encontra este hotel? 🤔 Pista: este concelho foi outrora um refúgio de Verão da monarquia portuguesa durante o século XIX 🧑”)., fornecer informação (“Sabia que o 🏠 Pestana Fisherman Village, localizado na Madeira, foi inspirado na obra de Ernest Hemingway? 🤔”), realizar uma sugestão (“Porque não aproveita e reserva uma escapadinha para o próximo fim de semana?”) e, ainda, com o intuito de persuadir, através de perguntas retóricas, criando uma relação de proximidade com o leitor (“Quando foi a última vez que frequentou uma sauna e reservou tempo para cuidar de si? 🧑”).

### 3.4. Doxa

A doxa (ou voz do povo) surge nos *posts* analisados como forma de ativar a memória do leitor e assim cativar a sua atenção. Desta forma, a doxa surge, não como provérbio, como é costume, mas em frases ou expressões fixas que mantêm o seu valor genérico (“Todos detalhes são importantes quando se trata do amor...”, “Porque cuidar de nós é sempre importante”, “Ano novo, novos planos, novas experiências e novos destinos”), credibilizando, assim, a informação fornecida.

A partir da análise, verificou-se que a doxa se apresenta em atos assertivos, e que se encontra principalmente associada a *posts* de apresentação dos serviços, garantindo, assim, que o leitor fica com a informação retida na memória e que, ao ouvir a expressão, relembra o *post* e os seus detalhes. Por outro lado, a doxa reforça o que se diz, como se fosse uma verdade aceite por todos, logo, impossível de desmentir.

### 3.5. Emojis

Os *emojis* são um elemento fundamental na comunicação das redes sociais e, ao analisar o *corpus* em estudo, verificou-se que, entre os 57 *posts* analisados, apenas 13 não utilizam, pelo menos, um *emoji*.

Interessa ainda referir que o *emoji* mais utilizado é o que expressa fascínio (“😍”), aparecendo nos *posts* um total de 10 vezes, e que se encontra sobretudo ligado a atos assertivos e a atos diretivos. É curioso verificar que estes mesmos atos são os que se destacam por, por vezes, surgirem sem *emojis*.

Em certos casos, os *emojis* aparecem acompanhados por outros *emojis* para dar mais força ao discurso e trazer à superfície novas emoções, como, por exemplo, em “Todos detalhes são importantes quando se trata do amor... 🍷❤️ Estamos em preparativos para o receber no Dia de São Valentim.”, ou até mesmo para evidenciar a temática, como em “Doçura ou travessura? 🍂👻 Estamos em contagem decrescente para o Halloween...”, “🐱+👧=❤️ Se pensar viajar para o Brasil, saiba que todos os hotéis Pestana no Brasil são dog friendly 🐾”.

Para compreender melhor o significado dos *emojis* apresentados nestes *posts*, foi criada uma tabela de significados dos mesmos, com uma contagem total da sua presença nos discursos, visível no Anexo 2, bem como uma tabela dos *emojis* mais utilizados, visível no Anexo 3.

Importa referir que, apesar de estes mecanismos se encontrarem envolvidos em praticamente todos os *posts* analisados, não existe nenhum *post* onde estejam presentes os três – superlativação, *emojis* e doxa –, existindo, no entanto, várias vezes, combinações dois a dois. Assim, torna-se relevante mostrar um exemplo da conjugação de cada um: superlativação-*emoji* (“Há 50 anos a preparar o melhor amanhã possível 😍”), superlativação-doxa (“Sabemos que não há dois amanhãs iguais. E ainda bem. É esse o desafio que nos dá vontade de todos os dias querer entregar mais e melhor”), doxa-*emoji* (“Todos detalhes são importantes quando se trata do amor... 🍷❤️”).

### Considerações Finais

O objetivo deste trabalho era perceber a forma como o grupo de hotéis “Pestana” comunica na sua página de *Facebook*, e elencar quais os mecanismos linguísticos e atos de fala mais utilizados. Assim, depois de analisado um conjunto de 50 *posts* principais e 4 *posts* especiais, é possível concluir que a intensificação é encontrada em todos os tipos de atos, através de vários recursos.

Sendo a cadeia de hotéis “Pestana” principalmente associada a um público pertencente a uma classe social mais alta, tendo em consideração os preços praticados e atrações, muito provavelmente, não seria de esperar que a sua página de *Facebook* demonstrasse *posts* tão interativos (“Mencione nos comentários quem gostaria que o acompanhasse nesta refeição”) e coloquiais/informais (“Aproveite o Outono para uma escapadela à costa norte da ilha, com toda a família, incluindo os membros de 4 patas!”), procurando a proximidade com o público.

A realização deste trabalho permitiu não só perceber o que foi referido no parágrafo anterior, mas também tornou possível responder às questões colocadas no início desta investigação. Deste modo, podemos dizer que os mecanismos de persuasão mais utilizados nos *posts* por nós analisados na página de Facebook da cadeia de hotéis “Pestana” são: a superlativação – como forma de elevar as suas qualidades e serviços –, a doxa – principalmente como forma de apresentação e credibilização de serviços, sobretudo ligados ao bem-estar (como os serviços de SPA) – e os *emojis* – utilizados para captar o olhar da audiência (sendo algo mais visual) e para ressaltar as emoções e sensações libertadas em cada *post*.

Além disso, a intensificação encontra-se presente em todos os tipos de atos, mas está principalmente associada aos atos diretivos e assertivos, sendo sobretudo marcada pela superlativação. Tal comportamento era expectável, por existir uma presença muito marcada de atos diretivos e assertivos no corpus recolhido.

Estas conclusões permitem responder à última questão colocada, visto que é possível dizer que as construções mais usadas por esta empresa se encontram mais ligadas ao ethos e ao pathos. Estas construções são identificadas pela utilização de *emojis*, pela procura de proximidade com o público, pela referência às datas especiais, pela elevação avaliativa do staff (que está “sempre pronto para ajudar”), pela permissão da presença de animais de estimação e pela preocupação com o hóspede.

Em suma, a página de *Facebook* da cadeia de hotéis “Pestana” apresenta uma grande variedade de *posts* marcados por mecanismos linguísticos diversos, que servem o propósito de passar não só uma imagem positiva e relaxante, mas também responsável e preocupada com os seus clientes.

## Referências

Haverkate, H. 1979. Impositive sentences in Spanish: theory and description in linguistic pragmatics. Noth - Holland.























- Marques, F. 2018. Análise das Teorias dos Atos de Fala de Searle e de Austin: Aspectos Fundamentais do Significado de Um Proferimento Performativo. Dissertação de Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará – UFC.
- Mateus, S. 2019. Formas emotivas do discurso persuasivo. *Media & Jornalismo*, 19(34): 127-141
- Monnerat, R. 2000. O Discurso Publicitário e o Jogo de Máscaras das Modalidades Discursivas. *Veredas*, 3(2): 97-108.
- Moro, G. 2016. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. *Revista de Estudos da Comunicação*. 17(43): 53-70.
- Pinto, A. G. 1998. *Publicidade: Um Discurso de Sedução*. Porto: Porto Editora.
- Quirk, R. 1990. Language Varieties and Standard Language. *JALT Journal* 2(1), 14-25.
- Searle, R. J. 1979. *Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press
- Teixeira, J. 2016. Provérbios, metáfora e publicidade: a sedução pelos implícitos. In X. M. S. Rei e M. A. Marques (orgs). *As Ciências da Linguagem no Espaço Galego-Português - Divergência e Convergência* (209-242). Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.
- Valentim, H.; Gonçalves, M. 2021. A intensificação em português europeu - Algumas configurações linguísticas em comentários em linha. *Estudios Románicos*, 30: 103-120.







## Anexos

### Anexo 1






	Datas Especiais	Serviços	Apelo à imaginação	Relação de proximidade / Apelo emotivo	Ligação Histórica	Localização	Preocupações Sociais e Cultura	Total
Compromissivo	1	0	1	5	0	0	0	7
Declarativo	0	0	0	0	0	0	0	0
Diretivo	10	6	10	6	1	4	4	41
Assertivo	5	2	5	6	7	6	5	36
Expressivo	1	0	1	5	0	0	0	7

### Anexo 2 - Emojis utilizados, os seus significados e contagem

Emojis	Significado	Total
	Expressa adoração e carinho	8
	Expressa carinho - abraço	7
	Expressa fascínio	10
	Expressa encanto	4
	Representa um presente	1
	Simboliza o inverno e demonstra exclusividade	1
	Simboliza o Halloween	1
	Representa festejo + crescimento contínuo do coração – amor	1
	Expressa sentimentos positivos e simboliza <i>glamour</i>	1
	Representa a praia	1
	Expressa humor, ironia e <i>flirt</i> . Torna o ato menos sério	5
	Expressa desejo	1
	Simboliza férias – descanso	1
	Representa uma flor – pode ser usada para representar beleza	2
	Representa um <i>cocktail</i>	1
	Expressa desejo – algo delicioso acabou de ser feito ou referido	1
	Expressa choque ou espanto	1
	Expressa confiança. Pode também demonstrar que a pessoa é descontraída	2
	Expressa comemoração	1
	Expressa dúvida – pode estar a analisar a mensagem	2
	Representa um rei	1
	Representa uma igreja – amor.	1

	Representa uma chamada de atenção para algo que está em baixo	2
	Expressa alegria.	2
	Representa uma equação: animal de estimação + dono = amor	1
	Representa arte	2
	Representa animais de estimação	1
	Destaca uma frase. Pode significar urgência	1 (nos posts: PS)

### Anexo 3 – Top 5 dos *Emojis* mais utilizados

Emojis	Significado	Total
	Expressa fascínio	10
	Expressa adoração e carinho	8
	Expressa carinho – abraço	7
	Expressa humor, ironia e <i>flirt</i> . Torna o ato menos sério	5
	Expressa encanto	4

# DIFERENÇAS MORFOLÓGICAS ENTRE O PORTUGUÊS E O CHINÊS

Deng Yuanying<sup>1</sup>

[yd1@edu.ulisboa.pt](mailto:yd1@edu.ulisboa.pt)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (PORTUGAL)

**RESUMO.** O presente trabalho visa analisar as diferenças morfológicas entre o Português Europeu Contemporâneo e o Chinês-Mandarim Contemporâneo, designadamente a flexão nominal de género e número e a flexão verbal de número, pessoa, tempo, modo, aspeto e voz. Ao comparar exemplos de flexão nominal e verbal em Português e o seu equivalente em Chinês, pretendemos explicitar quais os recursos lexicais necessários em Chinês para expressar as alterações de género, número, pessoa, tempo, modo, aspeto e voz. Além disso, serão analisadas ainda a afixação de partículas auxiliares e a reduplicação lexical, que são consideradas formas de alteração morfológica próprias da Língua Chinesa.

**PALAVRAS-CHAVE.** Português, Chinês, Morfologia, Flexão, Comparação.

**ABSTRACT.** This work aims to analyze the morphological differences between Contemporary European Portuguese and Contemporary Mandarin Chinese, namely in the nominal inflection of gender and number, and verbal inflection of number, person, tense, mood, aspect and voice. By comparing examples of nominal and verbal inflection in Portuguese and their Chinese equivalent, it is our intention to clarify the necessary lexical resources in Chinese to express the changes in gender, number, person, tense, mood, aspect and voice. In addition, it will also be analyzed the affixation of auxiliary particles and lexical reduplication, which are considered forms of morphological alteration in Chinese.

**KEYWORDS.** Portuguese, Chinese, Morphology, Inflection, Comparison.

Não há dúvida de que existem muitas diferenças entre o Português e o Chinês em termos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, entre outros. O presente trabalho visa analisar as diferenças linguísticas entre o Português Europeu Contemporâneo e o Chinês-

---

<sup>1</sup> Estudante do 1.º ano do Doutoramento em Estudos Clássicos - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
Volume 12 | N.º 1 | 2023 | <https://ojs.lettras.up.pt/index.php/elingUP/>  
DOI: [https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12\\_1](https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_1)

Mandarim Contemporâneo, em termos morfológicos, através de exemplos que ilustram a flexão verbal e nominal do Português e o seu equivalente em Chinês.

Diversos estudos recentes focam-se nas diferenças linguísticas entre o Chinês e o Português. Para além dos manuais de ensino de Português em Chinês e vice-versa, existem trabalhos dedicados à comparação gramatical entre as duas línguas, publicados maioritariamente em Chinês, dos quais se destaca a dissertação de mestrado de Chai (2011), que apresenta as diferenças linguísticas entre as duas línguas do ponto de vista dos processos de formação lexical, bem como a transferência linguística representada em diferentes processos de formação lexical. Xia (2014) reflete sobre as diferenças sintáticas entre as duas línguas, dando abundantes e ilustrativos exemplos bilingues.

Além disso, existem trabalhos que abordam uma questão linguística específica, como o de Xu (2005), que analisa a estrutura ‘Shi’ + Adjetivo e a respetiva tradução na Língua Portuguesa, o de Hou & Liu (2010), que compara os eufemismos em Chinês e Português, o de Zheng (2016), que compara a construção “Ba” em Chinês e a estrutura sintática equivalente em Português, a tese de doutoramento de Lu (2017), que aborda os equivalentes portugueses de três marcadores aspetuais do Chinês, 了 le, 着 zhe e 过 guo, bem como a dissertação de mestrado de Liang (2021), que oferece um estudo comparativo da formação de palavras em Chinês e Português. Em geral, a comparação linguística entre o Chinês e o Português constitui uma área de investigação em constante crescimento.

Uma das diferenças mais marcantes entre o Português e o Chinês reside na flexão. O Português, enquanto língua românica flexional, apresenta processos de flexão morfológica bastante variados. Em contraste, a língua chinesa é caracterizada pela falta de flexão nominal e verbal. A variação em género, número, pessoa, tempo, modo, aspeto ou voz é realizada através de recursos variados, como o uso de partículas ou advérbios (Ding 2009: 8-9; Zhang 2010: 2-5; Lu 2011: 1-2). Por outras palavras, os verbos não flexionam em pessoa, número, tempo, modo, voz ou aspeto, e os substantivos, normalmente, não apresentam flexão em género ou número, como em Português, o que explica a ausência da concordância em género e número entre um substantivo e os seus modificadores.

## 1. Flexão nominal

Em Português, os substantivos e os adjetivos flexionam em género e número e os verbos flexionam em pessoa-número (Villalva & Mateus 2008: 19). Segundo Mota (2020: 2835), a

flexão em número manifesta-se através dos valores singular e plural e a flexão em género, através dos valores masculino e feminino. Porém, não existe flexão nominal equivalente no Chinês Moderno. Geralmente, a distinção de género em Chinês realiza-se através da adição de morfemas, enquanto a distinção de número é feita através da adição de numerais ou classificadores (Zhang 2010: 5; Lu 2011: 1). No entanto, em Chinês, nem sempre é possível fazer a distinção de género e de número como em Português, tal como ilustra a seguinte tabela:

Género	Masculino singular	Feminino singular
Português	um médico	uma médica
Chinês	yì míng nán yī shēng 一 名 (男) 医 生	yì míng nǚ yī shēng 一 名 (女) 医 生

Tabela 1 – Flexão nominal de género<sup>2</sup>

Na pragmática conversacional, no caso de o género de *o médico/a médica* ser conhecido pelos interlocutores, não é necessário nenhum morfema para marcar o género. Assim, tanto *um médico* como *uma médica* pode ser

*yì míng yī shēng* 一 名 医 生. No entanto, em alguns casos, se o locutor tem a intenção de esclarecer ou realçar o género de *o médico/a médica*, pode recorrer aos morfemas <sup>nán</sup>男 (masculino) ou <sup>nǚ</sup>女 (feminino). O Chinês recorre a meios lexicais para distinguir o género, uma categoria morfológica de flexão utilizada na análise de classes de palavras das línguas indo-europeias (Zhang 2010: 5; Dicionário de Termos Linguísticos).

Devido à falta de flexão nominal em Chinês, não há forma de realizar a concordância entre os substantivos e os seus modificadores, como indicado na tabela acima. O artigo indefinido *um* concorda com o substantivo masculino *médico* e *uma* com *médica*, mas, em Chinês, é invariável.

Os substantivos e os adjetivos da Língua Portuguesa flexionam em número (i.e., singular ou plural) (Villalva & Mateus 2008: 157; Mota 2020: 2835). Em substantivos chineses, não se vê marcação explícita de flexão em número, mas pode recorrer-se a algumas medidas para indicar a pluralidade, em situações restritas (Ding 2009: 48, 51; Lu 2006: 48-49; Lu 2011: 1; Liu *et al.* 2019: 45-47). O marcador de pluralidade <sup>men</sup>们, equivalente ao sufixo Português “-s”, é utilizado nos pronomes pessoais, em alguns substantivos humanos ou personificados:

<sup>2</sup> Os exemplos das tabelas 1-8 são da autora deste artigo.

Número	Pronome pessoal singular	Pronome pessoal plural
Português	ele	eles
Chinês	tā 他	tā men 他们

Tabela 2 – Marcação de pluralidade por sufixo

Nos sintagmas nominais, os numerais e classificadores também podem marcar a pluralidade:

Número	Singular	Plural 1	Plural 2	Plural 3
Português	um médico	dez médicos	uns médicos	um grupo de médicos
Chinês	yì míng yī shēng 一名医生	shí míng yī shēng 十名医生	yì xiē yī shēng 一些医生	yì qún yī shēng 一群医生

Tabela 3 – Marcação de pluralidade por numerais e classificadores

A tabela acima mostra que o numeral  $\text{shí}$  十 e os classificadores  $\text{xiē}$  些 e  $\text{qún}$  群 funcionam como indicadores da pluralidade, enquanto o substantivo  $\text{yī shēng}$  医生, equivalente a *médico(s)*, se mantém invariável. Tal como a marcação de género acima referida, trata-se, neste caso, de recursos lexicais e não morfológicos, tendo em consideração que o núcleo do sintagma nominal,  $\text{yī shēng}$  医生, não sofre nenhuma alteração.

## 2. Flexão verbal

Um verbo conjugado em Português é composto por um tema verbal e flexão. A flexão morfológica nos tempos simples é realizada por sufixação, nomeadamente, os sufixos de tempo-modo-aspeto e os sufixos de pessoa-número, podendo alguns dos sufixos corresponder a lugares vazios (Villalva & Mateus 2008: 148-152).

Em Chinês, os verbos não flexionam em pessoa, número, tempo, modo, aspeto ou voz (Ding 2009: 8; Zhang 2010: 2; Lu 2011: 1; Lu 2017: 18-32), mas podem ser seguidos diretamente por marcadores de aspeto (Huang & Shi 2016: 81). A ausência de flexão verbal apaga as fronteiras entre os verbos e as palavras de outras categorias lexicais, designadamente os adjetivos, as preposições e as partículas modais (*ibid.*). Dito de outra forma, os verbos, em Chinês, não têm função sintática fixa. Além de ser predicado da frase, um verbo ou um sintagma verbal pode, também, funcionar como sujeito ou núcleo do sujeito, atributo ou complemento circunstancial (Xia 2014: 307).

Diferentemente do Português, os verbos em Chinês não flexionam de acordo com o sujeito, como demonstra a tabela abaixo:

Verbo ser	1ª pessoa do singular	2ª pessoa do singular	3ª pessoa do singular	1ª pessoa do plural	3ª pessoa do plural
Português	Eu <b>sou</b> português.	Tu <b>és</b> português.	Ele <b>é</b> português.	Nós <b>somos</b> portugueses.	Eles <b>são</b> portugueses.
Chinês	wǒ shì pú táo 我是葡萄 yá rén 牙人。	nǐ shì pú táo 你是葡萄 yá rén 牙人。	tā shì pú táo 他是葡萄 yá rén 牙人。	wǒ men shì pú táo 我们是葡萄 táo yá rén 萄牙人。	tā men shì pú táo 他们是葡萄 yá rén 牙人。

Tabela 4 – Equivalência chinesa da flexão verbal em pessoa e número

O verbo *ser*, em Português, flexiona em pessoa e número em conformidade com o sujeito da frase, o pronome pessoal, enquanto o equivalente Chinês de *ser*, 是<sup>shì</sup>, não sofre alteração em nenhuma das frases. O Português Europeu, sendo uma língua de sujeito nulo (Modesto 2004: 129), permite a não realização lexical do sujeito pelos pronomes pessoais, uma vez que se consegue deduzir o sujeito através da conjugação do verbo. Porém, em Chinês, apesar de serem permitidos sujeitos nulos em algumas ocasiões (*ibid.*: 121), os sujeitos realizados por pronomes pessoais nos exemplos da tabela acima não podem ser nulos, já que a ausência de flexão verbal impossibilita a recuperação do sujeito no discurso.

Em Chinês, o tempo, o modo e o aspeto são marcados por caracteres auxiliares que seguem ou precedem os verbos ou sintagmas verbais, tendo em conta a inexistência de alterações morfológicas dos verbos. Esses marcadores não expressam, por si só, um determinado tempo, modo ou aspeto, mas marcam esta distinção através do seu valor semântico, em coordenação com o contexto do discurso (Ljungqvist 2003: 150). Vejam-se os seguintes exemplos, que expressam os tempos verbais nas duas línguas:

Tempo	Presente do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Futuro do indicativo
Português	Eu estudo.	Eu estudei.	Eu estudarei.
Chinês	wǒ xué xí 我学习。	wǒ xué xí le guò 我学习了/过。	wǒ jiāng yào xué xí 我(将)要学习。

Tabela 5 – Equivalência chinesa da flexão verbal em tempo

O Chinês recorre à sufixação de partícula(s) auxiliar(es) ao verbo (助词) para expressar um determinado tempo; por exemplo, as partículas 了 ou 过 são usadas no tempo passado e 将, 将要 ou 会 no tempo futuro (Ding 2009: 172-176; Han 2013: 6-7, 17-19; Lu 2017: 20). Contudo, essas partículas não funcionam propriamente como marcadores de um determinado tempo, uma vez que podem aparecer com outros tempos verbais ou em ocasiões sem indicação explícita de tempo (Huang & Shi 2016: 121). Por exemplo, em "你别忘了吃药 (Não te esqueças de tomar os medicamentos.)", a partícula 了 deixa de indicar um tempo e serve, apenas, para completar o verbo.

Quanto ao modo, é possível identificar, em Português Europeu, três modos verbais, que permitem a expressão da modalidade, o indicativo, o conjuntivo e o imperativo (Mota 2020: 2952; Dicionário de Termos Linguísticos), apesar de o futuro e o condicional serem, também, considerados modos por alguns linguistas (Oliveira 2003: 254). Em Chinês, a modalidade é expressa por advérbios, verbos auxiliares modais e partículas auxiliares modais (Ljungqvist 2003: 15). As diferenças são ilustradas pela tabela seguinte:

Modo	Indicativo	Conjuntivo	Imperativo
Português	Tu estudas.	Espero que tu estudes.	Estuda!
Chinês	nǐ xué xí 你学习。	wǒ xī wàng nǐ xué xí 我希望你学习。	nǐ qù xué xí nǐ qù xué xí ba 你(去)学习! /你(去)学习吧!

Tabela 6 – Equivalência chinesa da flexão verbal em modo

O modo conjuntivo do Português é expresso, em Chinês, através do recurso a determinados verbos, como, por exemplo, o verbo modal 希望 (“esperar”) (Hsieh 2005: 37; Yin 2013: 23). O imperativo afirmativo, em Chinês, pode ser expresso de várias maneiras: pelo verbo auxiliar 去 (“ir”), pela partícula modal no final da frase 吧, por 去 e 吧, simultaneamente utilizados, ou simplesmente pela alteração da entoação, representada na escrita pelo ponto de exclamação, entre muitas outras (Zhang 2010: 518-529; Yin 2013: 23-48). Assim, a expressão nǐ xué xí 你学习 com ponto final indica o modo indicativo e, com ponto de exclamação (你学习!) indica o modo imperativo, tal como o ponto de exclamação utilizado juntamente com o verbo



com o sujeito (Duarte 2003: 522; Cunha & Cintra 2016: 399). As construções passivas em Chinês formam-se com 被<sup>bèi</sup> ou com alguns verbos que expressam a passividade, utilizados especialmente no registo informal, como 让<sup>ràng</sup>, 叫<sup>jiào</sup>, 给<sup>gěi</sup>, 挨<sup>ái</sup> e 遭<sup>zāo</sup>(受<sup>shòu</sup>), tendo os últimos dois o significado de “sofrer” (Lu 2006: 443; Ding 2009: 213; Zhang 2010: 547-548; Lu 2011: 396; Huang & Shi 2016: 467; Liu *et al.* 2019: 747). As vozes ativa e passiva nas duas línguas são comparadas na tabela abaixo:

Voz	Ativa	Passiva
Português	Ela abriu a porta.	A porta foi aberta (por ela).
Chinês	tā dǎ kāi le mén 她打开了门。/ 她把门打开了。	mén bèi tā dǎ kāi le 门(被她)打开了。

Tabela 8 – Equivalência chinesa da flexão verbal em voz

Em Chinês, a voz ativa expressa-se de duas maneiras. Uma delas tem estrutura sintática igual ao Português:

tā dǎ kāi le mén 她(ela) + 打开了(abriu) + 门(porta).

Agente da ação + Verbo + Paciente da ação

A outra recorre à construção *ba*<sup>4</sup>, que é comumente utilizada em Chinês:

tā bǎ mén dǎ kāi le 她(ela) + 把 + 门(porta) + 打开了(abriu).

Agente da ação + 把 + Paciente da ação + verbo.

Nesta construção, o paciente da ação, *i.e.*, o complemento direto do verbo 打开<sup>dǎ kāi</sup> (“abrir”), interpõe-se entre o termo 把<sup>bǎ</sup> e o verbo, em vez de ficar na posição pós-verbal, que é a posição típica de um complemento direto.

<sup>4</sup> Para mais informação sobre o uso da construção *ba*, consultem-se as obras de Lu (2006: 429-443), de Zhang (2010: 538-547), de Huang & Shi (2016: 451-457) e de Liu *et al.* (2019: 724-744).

Em relação à voz passiva, em Chinês, normalmente, o marcador da passividade 被<sup>bèi</sup> e o agente da passiva a seguir a 被<sup>bèi</sup> precedem e não sucedem o verbo, ao passo que, em Português, a posição da preposição *por*, juntamente com o agente da passiva, é mais livre. Além disso, na pragmática, em Chinês, as construções passivas sem agente são mais comuns do que as que têm o agente da passiva expresso (Huang & Shi 2016: 468).

### 3. Formas de alteração morfológica no Chinês

Alguns estudiosos consideram a afixação de partículas auxiliares e a reduplicação lexical formas de alteração morfológica no Chinês (Zhang 2010: 2; Lu 2011: 1; Liu 2012: 208). A afixação de partículas auxiliares muda o tempo ou aspeto verbal. Notem-se, a título ilustrativo, as partículas pós-verbais 了<sup>le</sup> e 过<sup>guò</sup>, que marcam o tempo passado, enquanto 着<sup>zhe</sup> marca o aspeto imperfetivo. No entanto, o uso de afixação em Chinês é limitado. Por exemplo, alguns verbos perfeitivos, como 死<sup>sǐ</sup> (“morrer”) e 懂<sup>dǒng</sup> (“compreender”), não podem ser afixados por 过<sup>guò</sup>, e alguns verbos psicológicos não podem ser afixados por 着<sup>zhe</sup>, como 喜欢<sup>xǐ huan</sup> (“gostar de”) e 佩服<sup>pèi fú</sup> (“admirar”) (Liu 2012: 208).

A reduplicação existe em verbos, substantivos, adjetivos, advérbios e numerais, com formas e efeitos semânticos diferentes, tal como ilustra a tabela seguinte:

Modelos de reduplicação	Exemplo
AA	bà ba 爸爸, “pai”
AABB	màn màn tēng tēng 慢慢腾腾, “devagarinho”
AAB	máo mao yǔ 毛毛雨, “chuveiro”
ABB	liàng jīng jīng 亮晶晶, “brilhante”
ABAB	liǎo jiě liǎo jiě 了解了解, “conhecer”
AABC	qiè qiè sī yǔ 窃窃私语, “murmurar”

ABAC	méi tóu méi nǎo 没头没脑, “sem pé nem cabeça”, literalmente “sem cabeça nem cérebro”
ABCC	zhàng ài chóng chóng 障碍重重, “com numerosos impedimentos”
A了A	kàn le kàn 看了看, “deu uma olhada”
le AB了AB	xué xí le xué xí 学习了学习, “estudou um pouco”
yí A一A	guàng yì guàng 逛一逛, “dar uma visita”

Tabela 9 – Alteração morfológica do Chinês - reduplicação (Zhang 2010: 900-938; Lu 2011: 55-56)

A aplicação da reduplicação também é restrita<sup>5</sup>. Nem todas as palavras podem ser reduplicadas, como <sup>zhuō zǐ</sup> 桌子 (“mesa”). Os verbos compostos por dois caracteres não podem seguir o modelo “A<sup>yí</sup>—A”, como em \*<sup>xué xí yì xué xí</sup> 学习—学习, e algumas palavras só possuem a forma reduplicada, ou seja, deixam de fazer sentido se retiramos a reduplicação, como \*<sup>màn tēng</sup> 慢腾 ou \*<sup>máo yǔ</sup> 毛雨.

As diversas reduplicações podem produzir efeitos semânticos diferentes, variando de curta duração da ação à casualidade do ato (Lu 2011: 56), como <sup>kàn le kàn</sup> 看了看 (“deu uma olhada”) e <sup>guàng yì guàng</sup> 逛一逛 (“dar uma visita”). Por isso, a alteração morfológica na língua chinesa implica, normalmente, uma alteração semântica (*ibid.*: 1).

Em conclusão, em comparação com o Chinês, o Português é uma língua rica em processos flexionais, que asseguram a gramaticalidade sintática e interpretação semântica dos elementos de uma frase (Villalva & Mateus 2008: 152). O Chinês, caracterizado pela ausência da flexão nominal e verbal, pode, ainda, recorrer à adição de caracteres para marcar a alteração de género e número de alguns substantivos, a marcadores de tempo e aspeto ou à contextualização, para produzir o mesmo efeito, ou um efeito aproximado, da flexão nominal e verbal do Português. No entanto, esses recursos são lexicais, e não morfológicos. O Chinês também possui formas próprias de alteração morfológica, embora com uso bastante limitado.

<sup>5</sup> Para mais informação sobre o uso de reduplicação, consulte-se as obras de Zhang (2010: 900-938, 1161-1186) e de Lu (2011: 57-58).

Existem, ainda, outras diferenças linguísticas entre o Português e o Chinês que merecem estudos mais aprofundados, como a distinção entre as diferentes categorias gramaticais, os componentes do predicado da frase, o uso de classificadores, a função sintática-semântica da reduplicação, o sistema de artigos indefinidos, entre muitas outras.

## Referências

- Chai, W. W. 2011. Estudo Comparativo de Formação de Palavras em Chinês e em Português 汉语和葡语构词法对比研究. Dissertação de mestrado, Universidade Minzu da China.
- Cunha, C.; Cintra, L. 2016. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 7.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital Ltda.
- Ding, C. M. 2009. A Course for Mandarin Chinese Grammar 现代汉语语法教程. Beijing: Peking University Press.
- Duarte, I. 2003. A família das construções inacusativas. In Mateus, M. H. M. *et al.* Gramática da Língua Portuguesa (5.<sup>a</sup> edição, 509-548). Lisboa: Editorial Caminho.
- Han, Z. T. 2013. A Study about the Markers of Future Tense in Chinese 现代汉语将来时标记研究. Dissertação de mestrado, Soochow University.
- Hou, Y.; Liu, Y. 2010. Comparação de Eufemismos em Línguas Chinesa e Portuguesa 葡汉委婉语比较浅析. *Modern Chinese* (2): 116-118.
- Hsieh, C. L. 2005. Modal Verbs and Modal Adverbs in Chinese: An Investigation into the Semantic Source. *UST Working Papers in Linguistics* 1(1): 31-58.
- Huang, C. R.; Shi, D. X. 2016. A reference grammar of Chinese. Cambridge: Cambridge University Press.
- Liang, W. W. 2021. Estudo comparativo da formação de palavras em Chinês e Português. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro.
- Liu, M. Q. 2012. English Varieties and Translation. 2<sup>nd</sup> Edition. 文体与翻译 (第二版). Beijing: China Translation Corporation.
- Liu, Y. H.; Pan, W. Y.; Gu, W. 2019. Practical Grammar of Modern Chinese. 3<sup>rd</sup> Edition. 实用现代汉语语法 (第三版). Beijing: The Comercial Press.
- Ljungqvist, M. 2003. Aspect, tense and mood: Context dependency and the marker LE in Mandarin Chinese. Tese de doutoramento, Lund University.
- Lu, F. B. 2011. Teaching Foreigners Practical Chinese Grammar 对外汉语教学实用语法. Beijing: Beijing Language and Culture University Press.
- Lu, Q. H. 2006. Practical Teaching Chinese Grammar. 1<sup>st</sup> Edition. 实用对外汉语教学语法 (第一版). Beijing: Peking University Press.
- Lu, Y. W. 2017. Os equivalentes portugueses de três marcadores aspetuais do Chinês: 了 le, 着 zhe e 过 guo. Uma abordagem didática. Tese de doutoramento, Universidade do Minho.
- Modesto, M. 2004. Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente. *Revista da Abralín* 3(1): 119-145.
- Mota, M. A. 2020. Morfologia do Nome e do Adjetivo. In E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Seguro, A. Mendes. Gramática do Português (Vol. III, 2835-2930). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, F. 2003. Modalidade e modo. In Mateus, M. H. M. *et al.* Gramática da Língua Portuguesa (5.<sup>a</sup> edição, 243-272). Lisboa: Editorial Caminho.
- Villalva, A.; Mateus, M. H. M. 2008. Morfologia do Português. Lisboa: Universidade Aberta.

- Xia, Y. 2014. *Análise Comparativa de Estrutura Sintáctica em Línguas Chinesa e Portuguesa* 汉葡句法结构对比研究. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Xu, J. Y. 2005. *Questão Pedagógica na Gramática Comparativa Chinês-Português, Tendo Como Caso de Estudo a Estrutura “‘Shi’ + Adjetivo”* 汉葡语法对比与汉语教学问题——以“是+形容词”为例. The 8<sup>th</sup> International Conference on Chinese Language Pedagogy.
- Yin, X. X. 2013. *Research about Category of the Imperative in Modern Chinese* 现代汉语祈使句范畴研究. Tese de doutoramento, Fudan University.
- Zhang, B. (Ed.). 2010. *Gramática Descritiva do Chinês Moderno* 现代汉语描写语法. Beijing: The Commercial Press.
- Zheng, J. 2016. *Análise Comparativa da Construção “Ba” em Chinês e a Respetiva Estrutura Sintáctica em Português* 汉语“把”字句与葡萄牙语相应的句法结构的对比分析. *Youth Literator* (36): 185-187.

Recurso *online*: Dicionário de Termos Linguísticos

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology>, acedido em 10.04.2023.

# LEITURAS SEMÂNTICAS DE PREPOSIÇÕES DE ORIGEM *DESDE* E *A PARTIR DE* EM FRASES EM PORTUGUÊS EUROPEU

Nana Yu<sup>1</sup>

[robertananayu@hotmail.com](mailto:robertananayu@hotmail.com)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. O objetivo deste trabalho é identificar as leituras de duas preposições de origem, *desde* e *a partir de*, em frases retiradas do *corpus* jornalístico *Natura/Minho*. Foram identificadas as diversas leituras (nomeadamente, temporais e espaciais) que os SP introduzidos por essas duas preposições podem ter, assim como os contextos em que surgem, especificamente em leituras espaciais. A análise quantitativa permitiu concluir que: (i) tanto a preposição *desde*, quanto a preposição *a partir de* podem ter leituras temporais, espaciais e nocionais; (ii) no que diz respeito às situações em que surgem leituras espaciais, tanto podem ocorrer verbos de movimento como verbos que não denotam lexicalmente movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Preposições, Leituras semânticas, Verbos de movimento.

ABSTRACT. The aim of this study is to identify the readings conveyed by two European Portuguese prepositions which denote ‘source’, *desde* and *a partir de*, in sentences taken from the journalistic *corpus* *Natura/Minho*. The different readings (particularly temporal and spatial) that the noun phrases introduced by these two prepositions can have been identified, along with the specific contexts in which spatial readings emerge. The quantitative analysis allowed us to conclude that: (i) both the prepositions *desde* and *a partir de* can have temporal, spatial, and notional readings; (ii) in the case of spatial readings, both motion verbs and non-motion verbs can occur lexically.

KEYWORDS: Prepositions, Semantic readings, Motion verbs.

---

<sup>1</sup> Estudante do 1.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências de Linguagem - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Volume 12 | N.º 1 | 2023 | <https://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/>

DOI: [https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12\\_1](https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_1)

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, a Semântica tem vindo a desempenhar um papel cada vez mais importante na pesquisa em Linguística, tendo surgido muitos estudos nessa área (cf. Oliveira 2009). É, precisamente, no âmbito da Semântica que se enquadra o presente trabalho. O principal objetivo desta investigação é acrescentar um pequeno contributo a esta área, mais especificamente no que concerne à identificação dos valores semânticos de duas preposições de origem, *desde* e *a partir de*. Efetivamente, a questão das preposições de origem tem sido muito pouco abordada na literatura, pelo que a sua descrição semântica é, normalmente, superficial.

Assim, este trabalho pretende aprofundar questões semânticas acerca das preposições de origem em Português Europeu (PE). Pretendemos observar quais são as interpretações possíveis de frases contendo estas preposições, assim como averiguar quais os verbos que as acompanham quando a leitura relevante é de tipo espacial. Na análise dos dados, foram tidas em conta categorizações semânticas de três tipos: temporal, espacial e nocional (cf. Cunha & Cintra 2016).

Além da presente introdução, este trabalho divide-se em três secções principais. Na primeira secção (“Quadro teórico”), aborda-se o conceito de preposição, apresenta-se uma tipologia de preposições e descrevem-se as funções prototípicas dos SP. Esta secção baseia-se nas propostas de Raposo e Xavier (2013), Cunha e Cintra (2016) e Castilho (2014). É, ainda, feita uma breve descrição dos verbos de movimento (cf. Levin 1993). Na segunda secção (“O estudo”), apresenta-se o *corpus*, assim como os critérios de recolha dos dados, a análise dos dados seleccionados e a discussão dos resultados. Por fim, são sistematizadas algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido, apresentando-se as suas limitações.

## 2. Quadro teórico

### 2.1. Caracterização geral das preposições

Conforme Cunha e Cintra (2016: 569), as preposições são aquelas “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo conseqüente”. Uma preposição liga as duas expressões, com a função de estabelecer uma relação que exprime um movimento ou uma situação daí resultante, mas não se limita a essa relação semântica.

Assim, as preposições estabelecem relações de interdependência entre termos diferentes na mesma frase, ou seja, relações sintáticas e semânticas entre expressões de diferentes classes

gramaticais, tais como nomes, verbos, advérbios e orações, entre outros, como se ilustra com os seguintes exemplos.

(1) Venho de Lisboa e sigo para casa.

A frase (1) apresenta duas preposições: a preposição *de* liga os termos *venho* e *Lisboa*; já a preposição *para* liga os termos *sigo* e *casa*. Ambos os verbos denotam lexicalmente movimento, pelo que os SP estão associados a localizações. Veja-se agora (2).

(2) A reunião realizou-se paralelamente ao encontro.

Nesta frase, a preposição *a* conecta duas expressões, *paralelamente* e *o encontro*. Não há, contudo, referência a um movimento, tratando-se antes da descrição de uma situação, ou seja, ausência de movimento<sup>2</sup>.

Por conseguinte, podemos observar, não só que as preposições conectam dois termos, mas também que podem expressar movimento ou contribuir para descrever uma situação.

De acordo com Cunha e Cintra (2016), em relação às suas formas, as preposições podem ser simples ou compostas (denominadas ‘locuções prepositivas’). Vejam-se os exemplos a seguir - preposições simples: *a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, perante, por, sem, sob, sobre, trás*; preposições compostas: *abaixo de, antes de, apesar de, depois de, de acordo com, em baixo de, em frente a, em frente de, em vez de, junto a, por cima de*. Conforme Raposo e Xavier (2013), as preposições simples, geralmente, são monossilábicas, enquanto as preposições compostas são definidas como locuções prepositivas. Embora as formas sejam diferentes, ambas desempenham a mesma função, considerando-as como preposições ao longo do texto. Esta categoria das preposições é composta por um número reduzido de elementos, quando comparada com outras categorias de palavras. Relativamente à função das preposições, tanto preposições simples, quanto locuções prepositivas, os exemplos abaixo mostram que podem ser usadas com uma mesma finalidade semântica, sendo a única diferença a estrutura. Se, em (3), com *sobre*, a estrutura é simples, em (4), *acerca de* é composta, sendo, no entanto, ambas consideradas preposições.

<sup>2</sup> Note-se, no entanto, que a presença da situação não se deve apenas à função da preposição, mas sobretudo ao uso de um nome deverbal, "encontro", que, por si, denota uma situação ou eventualidade.

(3) Falaram sobre o jogo.

(4) Falaram acerca do jogo.

Relativamente à estrutura interna das locuções prepositivas, ocorre obrigatoriamente, na sua parte final, uma preposição simples, cuja função é ligar o termo subordinante a outro termo, que, tipicamente, é um sintagma nominal (no exemplo (4), *o jogo* apresenta-se como o sintagma nominal).

De acordo com Raposo e Xavier (2013), as preposições têm um significado que está ligado ao contexto em que são utilizadas, bem como às relações variáveis que estabelecem com o elemento regente quando desempenham o papel de complemento em sintagmas preposicionais. Efetivamente, segundo Castilho (2014: 598), as preposições têm um sentido de base, funcionando como predicadores de espaço. Contudo, no que diz respeito à função de relacionar os elementos, o significado das preposições está associado aos conceitos de espaço, de tempo e de noção. Na verdade, embora as preposições apresentem variação de significado em contextos diversos, esses significados particulares podem sempre ser incluídos nos campos espacial, temporal ou nocional, tanto na presença de movimento quanto na ausência de movimento (situação daí resultante). Estas ideias são partilhadas por outros autores. De facto, na sua proposta, Travaglia (2003) indica que o valor semântico das preposições é analisado com base na diferença de sentido das frases a seguir. Kleppa (2005) refere que o valor semântico está subordinado ao contexto, uma vez que o significado não é restrito, nem tem uma interpretação específica, pois depende de outros itens da estrutura para ser analisado. Vieira (2009) defende que as preposições possuem um sentido prototípico associado às categorias semântico-cognitivas de posição no espaço, deslocamento, distância e movimento no espaço horizontal, vertical e transversal. Assim, a preposição tem um sentido prototípico de indicação da direção de movimento e pode corresponder a uma expressão de direção temporal, espacial e nocional. Porém, com o uso, tal sentido pode tornar-se mais abstrato.

As preposições ocorrem, assim, numa multiplicidade de contextos linguísticos, que exercem influência sobre o seu significado, pelo que, frequentemente, se adaptam aos elementos com os quais se combinam. Na verdade, a maioria das preposições possui um significado geral e uma notável plasticidade semântica, o que permite que se ajustem às diferentes variações desses contextos. Raposo e Xavier (2013) identificam as três características semânticas mais relevantes das preposições: “(i) a generalidade do seu significado básico; (ii)

a plasticidade com que se adaptam a sentidos particulares; e (iii) a sua dependência do contexto em que ocorrem” (Raposo & Xavier 2013: 1519).

Raposo e Xavier (2013: 1540), indicam que “as principais preposições do português têm um valor semântico básico de natureza espacial, introduzindo constituintes que denotam o lugar ocupado por uma entidade, ou do qual, ou para o qual, uma entidade se move”, acrescentando, ainda, que esse lugar consiste num espaço físico, seja uma superfície ou um volume, que é caracterizado por fronteiras que podem variar em termos de definição. Dessa forma, um jardim, um edifício, uma gaveta, uma mesa, um estádio, uma cidade e até mesmo uma pessoa podem ser conceptualizados como um lugar que possui uma delimitação espacial (área ou volume), o que permite a presença de outras entidades na sua superfície ou interior, como em (5):

(5) O livro está na mesa.

Neste contexto, *o livro* está sobre a superfície da mesa. Compare-se com (6):

(6) As crianças ficaram no carro.

Neste caso, a interpretação da preposição *em* requer que as entidades denotadas pelo sujeito da frase tenham ficado no interior do carro, o que é um tipo diferente de relação espacial.

Como referido anteriormente, as preposições são utilizadas de forma derivativa, não apenas no contexto espacial, como no exemplo (7), mas também no domínio temporal (cf. (8)). Além disso, de maneira metafórica, as preposições são usadas em áreas mais abstratas, como na descrição de estados físicos e mentais das pessoas ou na representação de relações de posse, como ilustram os exemplos (9) e (10), respetivamente:

(7) O jogo acontece em Coimbra.

(8) O jogo ocorre no domingo.

(9) A Maria está em pânico.

(10) Este livro é da Maria.

## 2.2. Algumas considerações sobre as leituras dos SP

Raposo e Xavier (2013), ao tratar dos valores semânticos dos argumentos e alguns adjuntos adverbiais das preposições simples e de locuções prepositivas do português, referem

a questão dos papéis temáticos. Efetivamente, o significado espacial básico das preposições está associado a um papel semântico distinto: *origem*, *destino*, *passagem* e *locativo*. A *origem* tem a ver com a fonte, o ponto de partida de um movimento; o *destino* representa o ponto de chegada de um movimento; já a *passagem* foca a trajetória seguida pela entidade que se desloca. Estas três funções semânticas são dinâmicas, e opõem-se à função de *locativo*, que indica um lugar onde se localiza algo (sendo, portanto, de natureza estática). Vejam-se os seguintes exemplos:

- (11) Ele veio de São Paulo.
- (12) O João jogou a bola para a Maria.
- (13) O Zé passou por Coimbra.
- (14) A casa da Glória situa-se na esquina da praia.

No exemplo (11), é indicada a origem (São Paulo) do movimento, no espaço, realizado pelo sujeito da frase através da preposição *de*; no exemplo (12), a preposição *para* indica a direção de um movimento da entidade denotada por a bola, de aproximação à entidade denotada por a Maria; no exemplo (13), descreve-se um percurso que atravessa o local que é denotado por Coimbra, através do uso de *por*; no exemplo (14), determina-se a localização da entidade denotada por a casa da Glória, com recurso à preposição *em*.

Em suma, os quatro traços para identificação dos valores semânticos espaciais básico são: lugar onde (*locativo*); lugar de onde (*para a origem*); lugar aonde ou lugar para onde (*para o destino*) e lugar por onde (*para a passagem*).

### 2.3. As preposições *desde* e *a partir de*

O objetivo principal do trabalho é identificar as leituras semânticas de duas preposições de origem - *desde* e *a partir de*. A primeira é uma preposição simples e a segunda é composta e as duas têm um sentido básico como predicadores de espaço.

Segundo Castilho (2014), as preposições de *origem* atuam no eixo horizontal e delimitam o ponto inicial de um percurso. O movimento localizado pode ser real, quando acontece no espaço ou no tempo reais, envolvendo uma deslocação de um ponto de origem para outro ponto, de destino. Esta conceção, porém, é de natureza bastante restritiva, uma vez que se percebe que o eixo vertical é igualmente compatível com os valores semânticos deste tipo de preposições. Vejam-se os seguintes exemplos:

(15) E realmente os melhores cantadores têm vindo daquela zona.

Em (15), as entidades designadas por *os melhores cantadores* deslocam-se a partir da localização denotada por *aquela zona*.

(16) a. A taxa de juro subiu dos 3 para os 4%.

b. O novo concelho da Trofa foi constituído a partir de oito freguesias que anteriormente pertenciam ao município de Santo Tirso.

c. A coluna mede 30 m, da base até ao topo.

Note-se que, em (16), particularmente (16a), já não há um movimento real, mas o sujeito opera um movimento fictício, ou seja, a entidade denotada por *a taxa de juro* sofreu uma alteração numa propriedade. Na situação (16b), não ocorre uma deslocação física, transmitindo-se, antes, o sentido de espaço através do uso de *oito freguesias*, estando o sintagma nominal relacionado com a noção de espaço. Já na situação (16c), embora não haja um movimento real, existe um movimento fictício no eixo vertical. Assim, não se verifica uma mudança física na posição da coluna, mas existe uma conceção de altura da coluna, que se identifica com o sentido de espaço.

Já nos exemplos (17a) e (17b), a expressão *desde criança* e *a partir de Janeiro* indicam o tempo inicial de um processo, funcionando como um ponto de referência temporal.

(17) a. Desde criança fui criada nesse ambiente de negócio de apartamento, de compra e venda, troca, e casa, e terrenos e tal.

b. Portagens aumentam a partir de Janeiro.

No texto de Raposo e Xavier (2013), só é feita referência à preposição *desde* (*a partir de* não é descrita), a qual, de acordo com estes autores, assinala um limite inicial, ou inferior, tanto no domínio espacial (cf. (18)), como temporal (cf. (19)), não sendo possível descrever o limite final ou superior. No primeiro caso, “marcam-se os limites de uma trajetória que vai de um lugar a outro;” e, no segundo caso, descrevem-se “os limites inicial e final de uma quantidade de tempo” (Raposo & Xavier 2013: 1555). Além disso, *desde* e *a partir de* podem marcar os limites em vários outros domínios (por exemplo, numa escala psicológica ou de valor

monetário, entre outros). Contudo, todas essas situações são categorizadas no domínio nocional (cf. (20)). Vejam-se os exemplos seguintes.

(18) Ele conduziu desde Tomar.

(19) Não recebemos qualquer carta dele desde o ano passado.

(20) Desde a estupidez até à genialidade, há muitos pontos intermédios.

No caso do primeiro exemplo, a preposição *desde* assinala o limite de uma extensão no domínio espacial (tendo como ponto de partida a localização fornecida por “Tomar”); já no segundo caso, a mesma preposição marca o limite inicial de uma quantidade de tempo (denotado por “o ano passado”); por último, a preposição marca um limite inferior numa escala psicológica no domínio nocional (através do SN “estupidez”).

Tendo em conta os exemplos mencionados anteriormente, torna-se possível identificar diferentes domínios, especificamente domínio temporal, domínio espacial e domínio nocional. Geralmente, nos casos temporais, i.e., em que as duas preposições se combinam com expressões temporais ou sintagmas nominais de tempo, é transmitido um valor temporal. Nos casos espaciais, quando ambas se combinam com certos nomes ou sintagmas nominais de espaço, transmite-se o valor espacial a nível diferente, acompanhado por um movimento físico ou um movimento não físico (movimento não real). Já os casos nocionais, que são aqueles casos que não são nem temporais nem espaciais, acontecem em contextos mais abstratos incorporando a descrição de estado mental e cognitivo.

#### 2.4. Breve nota sobre verbos de movimento

De acordo com Castilho (2014), os verbos de movimento são aqueles que “envolvem o deslocamento da FIGURA em direção a um PONTO DE REFERÊNCIA, dando como exemplo *ir, vir, seguir, partir e caminhar* (Castilho 2014:595). Segundo Gonçalves e Raposo (2013), alguns verbos de movimento podem selecionar complemento oblíquo, o qual, em determinados contextos, pode ser omitido. Segundo Levin (1993), de um ponto de vista sintático e semântico, os verbos de movimento classificam-se em verbos de direção inerente, tais como *chegar, vir, entrar, retornar, deixar* (Levin 1993: 264), e verbos de modo de movimento, tais como *caminhar, nadar, correr, vaguear* ou *deambular* (Leal & Oliveira 2008: 287). Os verbos de movimento combinam-se com as preposições de origem, que serão objeto de estudo neste trabalho, originando predicções com leituras físicas e não físicas.

### 3. O estudo

Tal como referido anteriormente, o objetivo geral deste trabalho é analisar as leituras semânticas das duas preposições de origem, *desde* e *a partir de*, integradas no contexto de um *corpus*.

#### 3.1 Descrição do *corpus*

O *corpus* utilizado no presente trabalho é construído por 147 frases retiradas do *corpus* Natura/Minho, que é uma coleção de textos do jornal regional português Diário do Minho<sup>3</sup>. A pesquisa neste *corpus* foi feita de duas maneiras: (i) procurando a combinação de verbo seguido de *desde* e (ii) procurando a combinação de verbo seguido de *a partir de* ([pos="V.\*"] [lema="desde"] e [pos="V.\*"] [lema="a"] [lema="partir"] [lema="de"]). Inicialmente, foram encontradas 926 frases. Entretanto, retiraram-se 147 frases para realizar a análise dos dados, das quais 82 continham a combinação de verbos com *desde*, e 65 continham verbos em combinação com *a partir de*.

#### 3.2 Apresentação e discussão dos resultados

Na análise, procurou-se identificar as leituras temporais, levando em consideração o momento inicial de uma ação ou processo; foram, também, investigadas possíveis leituras espaciais, que indicam um ponto de partida ou origem, entre outros; finalmente, procurou verificar-se a possibilidade de existirem leituras nocionais envolvidas nessas construções.

A seguir, apresentam-se algumas das frases do *corpus* para ilustrar as leituras temporais e nocionais; na secção seguinte, analisar-se-ão os casos de leitura espacial.

Na frase (21), a preposição de origem *desde* estabelece a localização temporal relativa ao evento defrontar, tendo, portanto, uma leitura temporal; na frase (22), existe uma relação temporal entre o evento assistir e o intervalo de tempo introduzido por *a partir de* (mantendo, portanto, a mesma leitura temporal).

(21) *par=1833*: A nova escalada de guerra em Angola, segundo fontes do Governo e opinião de observadores, será a derradeira batalha a travar no país entre o governo maioritário do MPLA e o movimento oposicionista UNITA, que se defrontam **desde 1975**. (temporal)

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=NATMINHO>

(22) *par=221*: Os alunos das escolas do primeiro ciclo de Braga vão poder assistir **a partir de 8 de Fevereiro**, no Teatro Circo, à peça de teatro «Chapéus há muitos». (temporal)

Na frase (23), a preposição de origem *desde* encabeça uma expressão que não tem leitura temporal, nem leitura espacial, pelo que é classificada como leitura nocional; também na frase (24) o SP de origem, neste caso introduzido por *a partir de*, não apresenta nem leitura temporal, nem espacial, mas antes leitura nocional.

(23) *par=6686*: «À priori» existem certas elegibilidades que vão **desde a remodelação** de instalações sanitárias e de cozinha até às zonas de fabrico de pastelaria. (outra leitura)

(24) *par=6232*: Nos seus trabalhos, que decorrem através de conferências e workshops, procura divulgar um método de auto-ajuda que desenvolve **a partir de um estilo** muito próprio, no qual estabelece uma relação de cumplicidade com os participantes, através da sua própria experiência de vida. (outra leitura).

Por seu lado, quando se analisam os casos em que as duas preposições têm leituras espaciais, é possível perceber que há sempre uma situação em que é denotado um movimento, seja o movimento físico ou não físico (algo exprime uma relação de localização espacial, mas não se verifica um movimento real). Os exemplos seguintes ilustram estas leituras.

(25) *par=17128*: O SVA iniciou as investigações ao ter conhecimento de que a documentação enviada **desde Portugal** a uma empresa catalã de exportação de álcool era falsa. (espacial)

(26) *par=12043*: De acordo com o advogado, este processo iniciou-se em consequência da descoberta pelos Estados Unidos, no final dos anos 80, de uma rede internacional de tráfico de droga organizada **a partir de Cuba**, para fazer face ao embargo norte-americano contra a ilha e financiar a expedição cubana em Angola.

Na frase (25), a preposição *desde* estabelece o ponto inicial para a deslocação da entidade denotada por *a documentação*: existe, portanto, um movimento dinâmico que envolve uma mudança de lugar. Neste exemplo, a preposição ocorre com o verbo de movimento *enviar*, expressando a ideia de movimento físico. Na frase (26), existe uma relação espacial entre *uma rede internacional de tráfico de droga* e *Cuba*. Contudo, ao contrário do exemplo anterior, não

existe aqui uma deslocação denotada pela preposição. Efetivamente, a localização *Cuba* denota o local onde é organizada a rede, e não o ponto de partida da sua deslocação. Trata-se, portanto, de um movimento não físico. De notar que o verbo com que se combina a preposição, *organizar*, não é verbo de movimento.

Feita a descrição dos exemplos, passa-se agora aos resultados quantitativos.

Há uma desproporção entre a distribuição das duas preposições: de um total de 147 frases, verifica-se que 82 casos (56%) envolvem a preposição *desde* e 65 casos (44%) contêm a outra preposição, conforme descrito na Tabela 1.

Preposições	Ocorrência	Percentagem
<i>desde</i>	82	56%
<i>a partir de</i>	65	44%
Total	147	100%

Tabela 1. Ocorrência das preposições

Foi, também, realizada uma análise dos dados provenientes das 82 frases em que os verbos se combinam com a preposição *desde*, os quais são apresentados na Tabela 2. Essa tabela proporciona uma visão abrangente da frequência de ocorrência das leituras semânticas presentes nas frases.

Preposição	Leituras	Ocorrência	Percentagem
<i>desde</i>	Temporal	71	87%
	Espacial	6	7%
	Outra	5	6%
	Total	82	100%

Tabela 2. Leituras com a preposição *desde*

Como pode ser observado, as frases com leitura temporal foram mais frequentes que as frases com outras leituras, havendo 71 frases (87%) com leitura temporal e apenas 6 (7%) indicando locomoção no espaço e 5 (6%) com leituras nocionais (“outra leitura”).

Também o conjunto de 65 frases em que os verbos se combinam com a preposição *a partir de* foi analisado, tendo-se conseguido identificar de maneira precisa as leituras envolvidas. Os dados relacionados com essas frases são apresentados na Tabela 3.

Preposição	Leituras	Ocorrência	Porcentagem
<i>A partir de</i>	Temporal	46	71%
	Espacial	4	6%
	Outra	15	23%
	Total	65	100%

Tabela 3. Leituras com a preposição *a partir de*

A preposição *a partir de* evidencia leituras predominantemente temporais: são 46 as frases com leituras temporais, representando 71% das ocorrências analisadas. Apenas 4 (6%) indicam locomoção no espaço, tendo 15 frases (23%) apresentado leitura nocional.

Ao analisar as frases, verificou-se que, quando as preposições *desde* e *a partir de* apresentam leitura temporal, o seu complemento também codifica lexicalmente informação temporal. Por exemplo, ocorrem complementos como *hoje*, representando o dia que inclui o momento da enunciação, *1983* e *8 de Fevereiro*, que correspondem a expressões que designam períodos de tempo e datas no calendário, assim como acontece com *quinta-feira*, ou mesmo *quinta-feira à noite*. Noutros casos, a leitura temporal é determinada pela referência a um evento, que se localiza num intervalo temporal específico, como exemplificado em *a abertura da escola Calouste Gulbenkian* (cf. (27)).

(27) *par=55254*: Outra questão colocada pela Associação refere-se «à ocupação de um espaço que se julgava público (a denominada Praceta do Conservatório), que durante muitos anos esteve afecto a uma utilização pública (que segundo dizem várias pessoas assim vem sendo utilizado **desde a abertura da escola Calouste Gulbenkian**) foi inclusivamente alcatroado pelo município e que agora está ocupado pelos taipais demarcando a propriedade privada».

Por fim, de notar que, entre as expressões temporais, não houve ocorrência de expressões de duração e de frequência temporal.

No que se refere à leitura espacial das duas preposições, observa-se que a preposição *desde* se combina com verbos de movimento, como *ir* (cf. (28)), *enviar* e *transportar*. Ou seja, o verbo confere o sentido de deslocamento real no espaço e a preposição marca o limite inicial da extensão espacial dessa deslocação. Quanto à preposição *a partir de*, nas frases analisadas, não há verbos de movimento associados, mas ocorrem verbos como *coordenar*, que não denotam deslocação (cf. (29)). Nessas situações, não ocorre um movimento real, mas sim um

movimento fictício, ou seja, a figura desloca-se imaginariamente pelo espaço. No caso da preposição *desde*, também ocorre a combinação com verbos que não são de movimento, exprimindo-se a leitura espacial, como observado em (30), embora com menos frequência no *corpus* de análise.

(28) *par=49253*: Trata-se de uma via que liga a Estrada Municipal 547 à Estrada Nacional 204 e do troço que **vai desde a EN547** ao lugar de Calvário, numa extensão total que ultrapassa os dois quilómetros .

(29) *par=47322*: O comando distrital, **coordenado a partir de Braga**, abrange as localidades de Guimarães, Barcelos e de Vila Nova de Famalicão .

(30) *par=56095*: O projecto vai **inventariar desde os tradicionais parques infantis** até quaisquer espaços desportivos formais e informais que visem o lazer.

Por último, ao classificar os casos em que nenhuma das preposições apresenta leitura temporal, nem espacial, mas sim nocional, verifica-se que esta leitura está associada à noção de “escala”. Apresentam-se de seguida alguns exemplos ilustrativos.

(31) *par=5423*: No encontro vão ser abordadas **uma série de temáticas** que vão **desde**, a «estimulação precoce -- ultrapassar barreiras» e a " Valorização do Ser Criança -- processos de intervenção ", contando com a presença da psicóloga Rosa Afonso, do director do «Refúgio Aboim Ascensão» de Faro, Luís Vilas Boas, bem como de Manuel Sarmento do Instituto da Criança da Universidade do Minho.

(32) *par=10359*: «O robalo ou o bacalhau só devem ser capturados **a partir de certa idade**», exemplifica Eduardo Rebelo.

Na frase (31), a preposição *desde* marca o limite inicial da *série de temáticas*, que é uma entidade que pode ser entendida como uma escala, no sentido em que é constituída por uma sucessão de algo (neste caso, temáticas). Já na frase (32), a preposição *a partir de* marca um limite inicial relacionado com a *idade* dos indivíduos, o que também pode ser entendido como uma sucessão ordenada de anos, ou seja, uma escala. Ambos os casos foram classificados com a designação de leitura nocional.

Em suma, o *corpus* utilizado na presente investigação permitiu observar que as duas preposições podem exibir as três leituras semânticas identificadas nos estudos de Raposo e Xavier (2013), Castilho (2014) e Cunha e Cintra (2016).

#### 4. Considerações finais

Neste trabalho, foi realizado um estudo sobre as leituras semânticas das preposições *desde e a partir de*. Foi feita uma caracterização geral das preposições, dando ênfase às preposições de origem *desde e a partir de*, nomeadamente ao seu valor espacial básico, mas também aos valores derivados (temporal, nocional) que podem ter.

Num segundo momento, apresentou-se o *corpus* de análise, bem como a metodologia utilizada para a sua recolha e, ainda, as conclusões principais da sua análise. Assim, foram identificadas, nas frases do *corpus*, todas as possíveis leituras semânticas relativas às duas preposições, incluindo a leitura espacial, a leitura temporal e a leitura nocional. Embora ambas as preposições tenham um sentido fundamentalmente espacial, conforme explicado na parte teórica, observou-se que a leitura temporal é mais frequente do que a leitura espacial.

Nos casos de leitura temporal, ambas as preposições aceitam combinar-se com expressões que denotam lexicalmente informação temporal: por exemplo, datas do calendário, dias de semana, meses, anos; e, ainda, com expressões eventivas, que contêm implicitamente o sentido de tempo, na medida em que se estabelecem relações temporais entre os eventos em causa.

Nos casos em que surgiram leituras espaciais, foi possível identificar os tipos de verbos que se combinam com as preposições. Assim, ambas as preposições expressam movimento espacial, seja físico ou não, incluindo movimentos abstratos e metafóricos. Contudo, a preposição *desde* pode combinar-se tanto com verbos de movimento quanto com verbos que não denotam movimento para expressar a leitura espacial; já no caso de *a partir de*, com base nos dados analisados no nosso *corpus*, constatou-se que esta preposição ocorre apenas com verbos que não denotam movimento.

No entanto, é importante ressaltar que este trabalho apresenta algumas limitações. A análise concentra-se nas preposições *desde e a partir de*, deixando de lado outra preposição de origem (*de*) igualmente relevante. Ao longo da discussão, verificou-se que as duas preposições podem expressar valores semânticos distintos, incluindo aspetos espaciais, temporais e noções abstratas. Foi também possível observar que, geralmente, *desde* indica um ponto inicial mais específico do que *a partir de*, mas as divergências entre as duas relativamente a esta questão

não foram suficientemente exploradas na presente análise. Além disso, o número de exemplos selecionados é bastante reduzido, o que impede que os resultados sejam robustos. Acreditamos, contudo, que este possa ser um modesto contributo para uma melhor compreensão da semântica dos sintagmas de origem em Português e da forma como eles são construídos.

## Referências

- Castilho, A. T. 2014. Nova gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto.
- Cunha, C.; Cintra, L. [1978]2016. Nova gramática do português contemporâneo. 7.<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Lexikon editora.
- Gonçalves, A.; Raposo, E. B. P. 2013. Verbo e sintagma verbal. In. E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (Orgs.), Gramática do Português (vol. 2, 1155-1218). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kleppa, L. A. 2005. Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem ou “Vamo de a pé no carro do vovô?”. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br>>.
- Leal, A.; Oliveira, F. 2008. Subtipos de verbos de movimento e classes aspetuais. Actas do XXIII Encontro nacional da associação portuguesa de linguística. Évora: Associação Portuguesa de Linguística, 287-298. Disponível em [http://www.apl.org.pt/docs/23-textos-seleccionados/21-Leal\\_Oliveira](http://www.apl.org.pt/docs/23-textos-seleccionados/21-Leal_Oliveira).
- Levin, B. 1993. English verbs classes and alternations. Chicago: The University of Chicago Press.
- Móia, T.; Alves, A. T. 2013. Tempo Adjunto e tempo discursivo. In. E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (Orgs.), Gramática do Português (vol. 1, 557-579). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, F. 2009. Alguns caminhos da Semântica. Actas do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL/Colibri, 23-41.
- Raposo, E. B. P.; Xavier, M. F. 2013. Preposição e sintagma preposicional. In. E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura e A. Mendes (Orgs.), Gramática do Português (vol. 2, 1497-1564). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Travaglia, L. C. 2003. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 9.<sup>a</sup> edição. São Paulo: Cortez.
- Vieira, M. J. B. 2009. Variação das Preposições em Verbos de Movimento. Signum: Estudos da Linguagem 12(1): 423–445.